



Universiteit
Leiden

The Netherlands

Médico na Guiné-Bissau em 1974: testemunha ocular do fim do colonialismo português em África

Damen, J.C.M.; Coutinho, R.

Citation

Damen, J. C. M. (2024). Médico na Guiné-Bissau em 1974: testemunha ocular do fim do colonialismo português em África. In R. Coutinho (Ed.), *A luta pela libertação da Guiné-Bissau* (pp. 5-12). Voorschoten: Editora Couto. Retrieved from <https://hdl.handle.net/1887/4172559>

Version: Not Applicable (or Unknown)

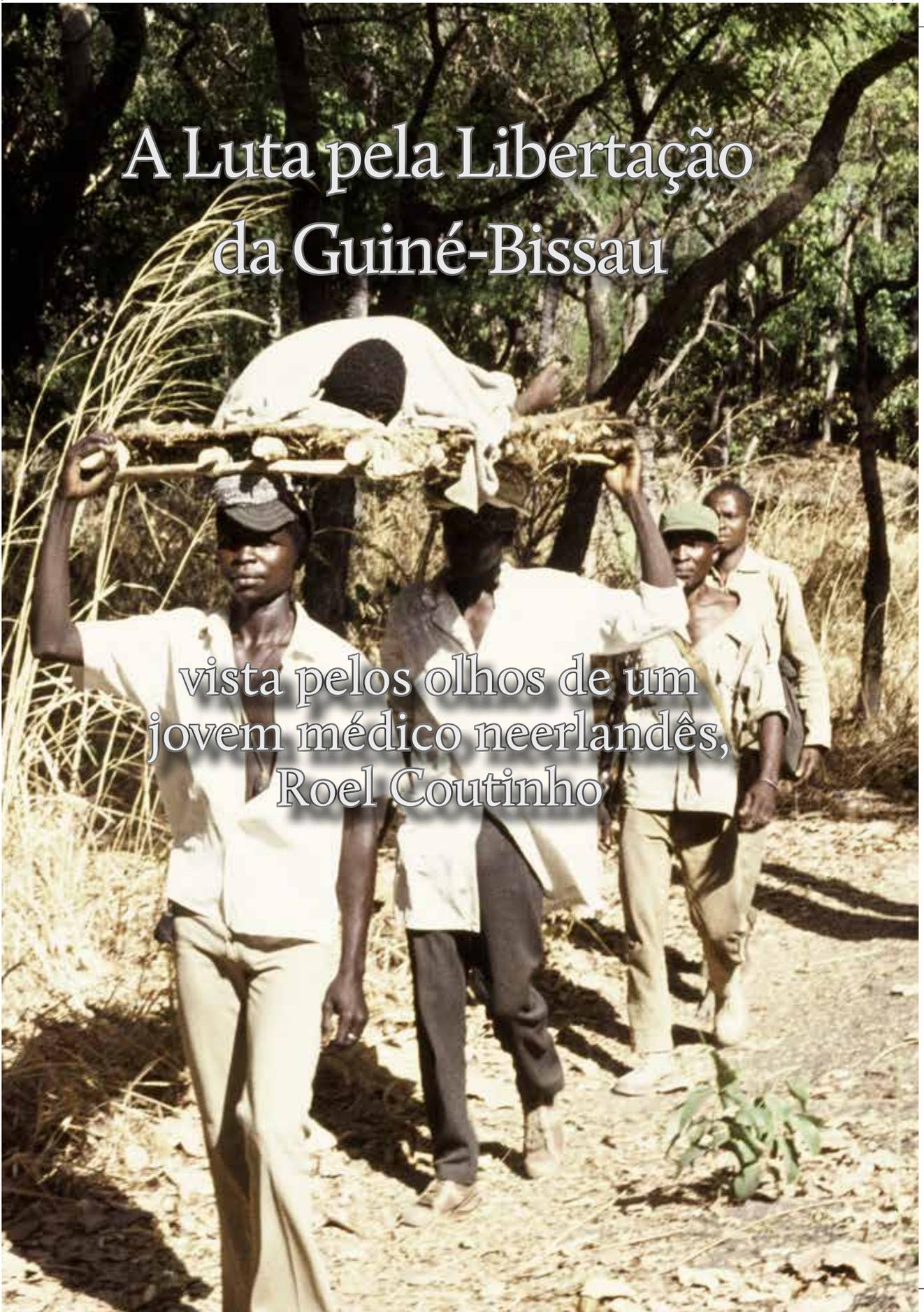
License: [Leiden University Non-exclusive license](#)

Downloaded from: <https://hdl.handle.net/1887/4172559>

Note: To cite this publication please use the final published version (if applicable).

A Luta pela Libertação da Guiné-Bissau

vista pelos olhos de um
jovem médico neerlandês,
Roel Coutinho



A Luta pela Libertação da Guiné-Bissau

vista pelos olhos de um jovem médico
neerlandês

Roel Coutinho

Publicado por: Editora Couto, Voorschoten

Tradução: Arie Pos

Revisão: Philip J. Havik e Irene Collie de Almeida

Fotografias: Roel Coutinho

Fotografia da capa: Transporte de um doente de Canjambari para a fronteira do Senegal, 1974. Fotografia de Roel Coutinho

O autor envidou todos os esforços para localizar os detentores de direitos de autor do material desta publicação. Nos casos em que esses esforços não foram bem-sucedidos, o editor solicita aos detentores dos direitos de autor que entrem em contacto para que os créditos devidos possam ser referidos em futuras publicações, bem como para regularizar outros assuntos relacionados com direitos e permissões.

Impresso por De Bink Opmeer, Leiden

Estilo: Peter Verwey

©Roel Coutinho, 2024

Conteúdo

- 1 Médico na Guiné-Bissau em 1974:
Testemunha ocular do fim do colonialismo
português em África, por Jos Damen 5**
- 2 Introdução e retrospectiva, por Roel Coutinho 13**
- 3 Um médico na luta pela libertação
da Guiné-Bissau 17**

Diário de Roel Coutinho, 1974

1

Médico na Guiné-Bissau em 1974: Testemunha ocular do fim do colonialismo português em África

Jos Damen

Em janeiro de 1964, a canção *The times they are a-changing*, de Bob Dylan, estreou-se na rádio. Dylan tinha uma sensibilidade aguda pela época em que vivia. A sua geração defendia a mudança (“*your old road is rapidly aging*”), e uma parte dos jovens dos anos 60 e 70 tentava ativamente promover essa revolução.

Também nos Países Baixos vários jovens intelectuais assumiram um papel de intervenção social. A maioria deles fazia-o perto de casa, na segurança do país natal – o que explica a ascensão da biologia do ambiente e das ciências sociais nessas décadas. Em 1991, alguns deles lançaram um olhar sobre o tempo passado na coletânea de ensaios *Alles moest anders. Het onvervuld verlangen van een linkse generatie* (Tudo tinha de mudar. O desejo insatisfeito de uma geração da esquerda). Ativistas da primeira hora, tais como Gijs Schreuders, Anja Meulenbelt, Andrée van Es e Fons Burger, olharam para trás com sentimentos mistos.

Um pequeno número de pessoas da mesma geração tentou concretizar os seus ideais no que então se chamava “o terceiro mundo”: a América Latina, Ásia e África. Recentemente, Jenne Jan Holtland publicou um estudo biográfico, analisando, por vezes com espanto, as peripécias do ativista de direitos humanos neerlandês Klaas de Jonge (1937-2023) na luta armada contra o *apartheid* na África do Sul (*De koerier van Maputo – O mensageiro de Maputo*). Uma década antes, Roel Coutinho, autor do presente livro, ilustrado com

fotografias suas, deambulou, como médico, pela Guiné-Bissau e o Senegal. Roel Coutinho partiu para o Senegal em 1973. Tinha 26 anos, acabava de se formar em Medicina nos Países Baixos, e encarou o convite do Medisch Komitee Angola (Comité Médico Angola, uma ONG neerlandesa) para ir trabalhar como médico em Ziguinchor, perto da fronteira da Guiné-Bissau, como um desafio. O PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde) tinha solicitado ao Medisch Komitee Angola o envio de um médico para o hospital de Ziguinchor. Em fevereiro de 1973, Coutinho partiu com a sua mulher, Anneke, para Casamance, no Senegal. Não trabalhou apenas no hospital de Ziguinchor; fê-lo também no interior da Guiné-Bissau, acompanhado de guerrilheiros do partido.

Era voluntário: o PAIGC providenciava casa e comida, e o Medisch Komitee Angola enviava-lhe uma modesta subvenção mensal. Coutinho desempenhava a sua função de médico sobretudo por idealismo, ou como dizia o próprio, “para dar um contributo à luta pela liberdade – e porque a aventura nos atraía”.

A luta de libertação

No decorrer da década dos 50 do século passado, toda a África se preparava lentamente para a autodeterminação e descolonização, e a maioria dos países africanos declararam a independência entre os fins dos anos 1950 e início de 1960. Portugal, pelo contrário, recusou alienar as suas colónias africanas – Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Macau. Os países vizinhos da Guiné-Bissau, a Guiné-Conacri e o Senegal, que faziam parte da AOF (África Ocidental Francesa), tornaram-se independentes em 1958 e 1960, respetivamente. No entanto, o nacionalismo crescia na Guiné-Bissau e, em 1956, Amílcar Cabral (1924-1973) fundou o PAIGC, um partido que aspirava à independência tanto da Guiné-Bissau como de Cabo Verde. A 3 de agosto de 1959, uma greve no porto da capital Bissau foi brutalmente esmagada, tendo sido mortos 50 trabalhadores portuários em Pindjiguiti. o que precipitou uma mudança estratégica. Antecedida por uma mobilização de populações nas zonas rurais, o PAIGC iniciou a luta armada em janeiro de 1963. Apesar de outros movimentos terem feito incursões na Guiné-Bissau em 1961, e de haver vários partidos nacionalistas sediados em Dakar, o PAIGC acabou por dominar a luta contra o colonialismo português, tendo Conacri como a sua base no exterior. O movimento criou as primeiras zonas libertadas no Sul a partir de 1964, e abriu outras frentes no Norte (1964) e no Leste (1965), beneficiando do apoio declarado do Senegal a partir de 1966. Nas zonas libertadas, o PAIGC criou várias infraestruturas e serviços, tal

como comités de *tabanka* (aldeia), um sistema de troca direta, campanhas de alfabetização e serviços de saúde. O PAIGC montou, a partir de 1966 e até ao final dos combates em 1974, uma rede de três hospitais de retaguarda (em Ziguinchor (Senegal), Boké e Kundera (Guiné-Conacri), além de hospitais de campanha, dois na frente Sul e um no Norte, e 64 postos sanitários rudimentares. Em termos de pessoal de saúde, o movimento dispunha, no final da luta, de 12 médicos estrangeiros, 10 médicos do partido, além de 335 enfermeiros, a maior parte formados na União Soviética, países socialistas do Leste Europeu e Cuba.¹

No âmbito de operações contra elementos subversivos que tiveram lugar a partir dos meados dos anos de 1960, as Forças Armadas Portuguesas criaram mais de 100 *aldeamentos* (aldeias fortificadas), reagrupando forçadamente populações para melhor as controlar. À medida que eram lançadas novas investidas militares e campanhas de propaganda pelas autoridades portuguesas, o PAIGC fortalecia a sua posição nas zonas libertadas, neutralizando em 1973 o domínio do ar das forças portuguesas com a chegada das misseis terra-ar SA-7 “Strella”. O derrube da ditadura do Estado Novo, em 25 de Abril 1974, pelo Movimento das Forças Armadas (MFA), é seguido pela abertura de negociações ao mais alto nível entre as partes beligerantes, resultando no Acordo de Argel, em 26 de agosto de 1974, que reconhece a independência da República da Guiné-Bissau. Ao mesmo tempo, o MFA na Guiné-Bissau teve um papel ativo na negociação de um cessar-fogo e na descolonização. A Guiné-Bissau torna-se membro da ONU em setembro de 1974.² Durante o conflito, entre 100 e 200 mil guineenses fugiram para países vizinhos, a maioria para o Senegal, regressando à sua terra natal após o final da luta.

Amílcar Cabral

O grande herói da luta anticolonialista na Guiné-Bissau e em Cabo Verde é Amílcar Cabral, que liderou de forma incontestada a luta de libertação conduzida pelo PAIGC. Era tanto um homem da prática (a revolução armada) como da teoria (ainda em 1973 foi publicada uma seleção dos seus discursos) e conhecia bem a Guiné-Bissau e o complexo mosaico das sociedades africanas. Foi assassinado nove meses antes da proclamação da independência da Guiné-Bissau, em 1973. Atingiu não só um estatuto de ícone da luta na Guiné-Bissau

1 PAIGC, *Évolution et Bilan pendant Dix Années de Lutte*, Bissau, janeiro 1974; Arquivos CI-DAC, H52-1/8.

2 António E. Duarte Silva, *A Independência da Guiné-Bissau e a Descolonização Portuguesa* (Porto: Afrontamento, 1997).

e em Cabo Verde, mas também noutros espaços de contestação nacionalista, como em Angola, em Moçambique e noutras paragens. Nove meses após a sua morte, o PAIGC declarou unilateralmente a independência da Guiné-Bissau, em 24 de setembro de 1973. Apesar da impossibilidade de assumir a liderança do novo Estado da Guiné-Bissau, os seus escritos, discursos e ações serviram para orientar “a linha de Cabral” que o PAIGC e os sucessivos governos por este liderados assumiram como o seu legado político.

Olhando para trás, o percurso de Amílcar Cabral parece seguir um padrão gradual e lógico.³ Nasce a 12 de setembro de 1924, em Bafatá, na Guiné-Bissau então sob domínio português, de pai cabo-verdiano e mãe guineense com origens cabo-verdianas. Tinha oito anos quando a família se muda para a maior ilha de Cabo Verde, Santiago, onde finaliza o ensino primário. Com a mãe e os irmãos muda-se de novo, agora para o Mindelo, na ilha de São Vicente, onde termina o liceu, em 1943. Dois anos mais tarde, ingressa no Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa, onde encontra os estudantes africanos e futuros líderes nacionalistas Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade e Marcelino dos Santos que, mais tarde, desempenhariam um papel importante na luta e descolonização de Angola e Moçambique. Cabral gradua-se em Portugal em 1950 e, em 1952, volta para a Guiné para trabalhar como adjunto dos Serviços Agrícolas e Florestais. Aí conduz o Censo Agrícola, o que lhe permite viajar por todo o território e conhecer melhor as condições de vida dos povos da Guiné-Bissau. Nos anos seguintes passa por Angola, ao mesmo tempo que elabora os seus conceitos políticos. Em 1956, funda o PAIGC, em Bissau, junto com outros correligionários, tal como o seu meio-irmão Luís Cabral e Aristides Pereira, futuros presidentes da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, respetivamente.



3 Sobre a vida e a herança de Amílcar Cabral, ver Mário Pinto de Andrade, *Amílcar Cabral: Essai de biographie politique* (Paris: Maspero, 1980); Patrick Chabal, *Amílcar Cabral: Revolutionary Leadership and People's War* (New York: Cambridge University Press, 1983); Jock McCulloch, *In the Twilight of Revolution: The Political Theory of Amílcar Cabral* (London/Boston: Routledge & Kegan Paul, 1983); Ronald H. Chilcote, *Amílcar Cabral's Revolutionary Theory and Practice* (Boulder/London: Lynne Rienner, 1991); António Tomás, *O Fazedor de Utopias: uma biografia de Amílcar Cabral* (Lisboa: Tinta da China, 2007); Peter Karibe Mendy, *Amílcar Cabral. A Nationalist and Pan-Africanist Revolutionary* (Athens: Ohio University Press, 2019).

O PAIGC abraçou ideais pan-Africanistas, mas tinha uma perspectiva e uma estratégia para a libertação nacional diferentes de outros movimentos nacionalistas. Ao adotar a luta armada como meio principal de alcançar a independência, Amílcar Cabral opta por uma campanha de mobilização nas zonas rurais, afastando a ideia inicial de uma luta urbana após o massacre de Pindjiguity. Também se destaca na estratégia de libertar dois territórios em simultâneo do jugo colonial, Guiné-Bissau e Cabo Verde, ao contrário de outros movimentos nacionalistas guineenses, apesar de não ter conseguido iniciar a luta armada no arquipélago de Cabo Verde.⁴ Mas Cabral também envereda pelo caminho da diplomacia internacional, colocando-se como interlocutor de outros movimentos de libertação na África, e sobretudo dos movimentos nos territórios ocupados por Portugal, por ex. na Frente Revolucionária Africana para a Independência das Colónias Portuguesas (FRAIN) e na Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP), criada em 1961. Neste esforço diplomático, que teve lugar durante a Guerra Fria, obteve apoios importantes tanto de países socialistas (da União Soviética e países do Leste Europeu, e da República Popular da China), como de países não-alinhados e ocidentais (incluindo a Suécia e a Noruega), além das Nações Unidas, do Vaticano e de organizações humanitárias.⁵ O apoio de Cuba foi relevante, não somente no treino de combatentes, mas também na área da saúde, enviando médicos, alguns dos quais aparecem nas imagens abaixo, para a frente de combate para tratar os combatentes do PAIGC e a população civil. As tentativas do então presidente do Senegal, Leopoldo Senghor, de mediar o conflito, esbarraram na intransigência do Governo português.

4 Sobre a luta de libertação, ver Gérard Chaliand, *Lutte Armée en Afrique*, Paris, François Maspero, 1967); Basil Davidson, *The Liberation of Guiné: Aspects of an African Revolution* (Harmondsworth: Penguin, 1969); Lars Rudebeck, *Guinea-Bissau: A Study of Political Mobilization* (Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies, 1974); Stephanie Urdang, *Fighting Two Colonialisms: Women in Guinea-Bissau*, New York, Monthly Review Press, 1979); Luís Cabral, *Crónica da Libertação* (Lisbon: O Jornal, 1984); Mustafah Dhada, *Warriors at Work: How Guinea Was Really Set Free*, Colorado, University Press of Colorado, 1993); Aristides Pereira, *Guiné-Bissau e Cabo Verde: Uma Luta, Um Partido, Dois Países* (Lisboa, Editorial Notícias, 2002); Patrícia Godinho Gomes, *Os Fundamentos de uma Nova Sociedade. O PAIGC e a luta armada na Guiné-Bissau, 1963-1973: organização do Estado e relações internacionais* (Turim: L'Harmattan Italia, 2010).

5 Sobre a diplomacia do Amílcar Cabral, ver: David Fistein, The Diplomatic Achievements of Amílcar Cabral: A Case Study of Effective Leadership in a Small African State, in: Baba G. Jallow (org.) *Leadership in Colonial Africa: Disruption of Traditional Frameworks and Patterns* (London: Palgrave, 2014): 69-100; e sobre o apoio de países socialistas, ver: Natalia Telepneva, *The Soviet Union and the Collapse of the Portuguese Empire in Africa, 1961-1975* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2022); e o papel de Cuba, ver: Piero Gleijeses. The First Ambassadors: Cuba's Contribution to Guinea-Bissau's War of Independence, *Journal of Latin American Studies*, 29, 1 (1997): 45-88.

Cabral sobrevive a vários atentados, incluindo o ataque de forças portuguesas às posições do PAIGC em Conacri, em 1970. Na noite de 20 de janeiro de 1973, Amílcar Cabral é assassinado perto da sua casa em Conacri por um elemento do PAIGC, Inocêncio Kani, com a possível instigação da PIDE, a polícia política portuguesa.⁶ O assassinato de Cabral ocorre numa altura em que o domínio do seu partido, o PAIGC, na Guiné-Bissau era quase completo nas zonas rurais, faltando ainda alguns centros urbanos, incluído a capital Bissau, que estavam nas mãos dos portugueses. Infelizmente, Cabral já não pode assistir à declaração unilateral da independência em 24 de setembro de 1973.

Luís Cabral

Luís Cabral (1931-2009), meio-irmão de Amílcar Cabral, nasce em Bissau, trabalha como contabilista na empresa comercial colonial, a Casa Gouveia, e assiste ao massacre de Pindjiguiti em 1959. Faz parte do grupo fundador do PAIGC e, em 1973, na sequência do assassinato do Amílcar Cabral, torna-se vice-presidente do PAIGC e secretário-geral adjunto responsável pelo partido na Guiné-Bissau. Após a proclamação unilateral da independência da Guiné-Bissau é o primeiro Presidente da República da Guiné-Bissau, função que desempenha até 1980.⁷ O seu governo é derrubado por um golpe militar, em 11 de novembro de 1980, liderado pelo então chefe das Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP), João Bernardo “Nino” Vieira. Luís Cabral viveu no exílio em Portugal até a sua morte, em 2009.

Francisco Mendes (“Chico Té”)

Francisco Mendes (1939-1978) nasce em Ntchudé na Guiné-Bissau e junta-se ao PAIGC em 1960, assumindo vários altos cargos no partido, tais como Membro do Bureau Político do Partido e do Conselho de Guerra. Na altura da declaração unilateral de independência é nomeado primeiro-ministro, cargo que exerce até a sua morte perto de Bafatá, em 1978, na sequência de um acidente de viação.

⁶ Sobre o assassinato de Amílcar Cabral, ver: José Pedro Castanheira, *Quem Mandou Matar Amílcar Cabral?* (Lisboa: Relógio d'Água, 1995).

⁷ Luís Cabral, *Strategy in Guinea-Bissau. President Luís Cabral's Opening Speech to the People's National Assembly, Bissau, May 1979* (London: Mozambique, Angola, and Guine Information Centre, 1979).

Constantino Teixeira (“Chucho Axon”)

Constantino Teixeira (19??-1988) junta-se ao PAIGC em 1960, assumindo o papel de comandante das FARP no 1º Congresso do PAIGC, em Cassacá, em 1964; foi corresponsável pela Zona Zero (Bissau) e faz parte do Comité Executivo da Luta (CEL). Após a independência, ocupa vários postos no governo liderado pelo primeiro-ministro, Francisco Mendes, e na sequência da morte deste, assume o cargo de primeiro-ministro por um curto intervalo, em 1978, até à nomeação de Nino Vieira.

João Bernardo “Nino” Vieira

Nino Vieira (1939-2009) filia-se no PAIGC em 1960 e sobe rapidamente na hierarquia militar das FARP, tendo sido nomeado comandante militar da importante Frente Sul, presidente da Assembleia Nacional em 1972, e chefe das Forças Armadas após a independência. Após a morte de Francisco Mendes e um curto interregno de Constantino Teixeira, exerce o cargo de primeiro-ministro da Guiné-Bissau até que liderou o golpe militar de 1980, que depôs o presidente Luís Cabral. Foi o presidente da República da Guiné-Bissau de 1980 até 1999, quando foi derrubado por uma insurgência militar durante a “guerra de Bissau”. Eleito presidente nas primeiras eleições multipartidárias em 1994, é novamente eleito num escrutínio em 2005, tendo sido assassinado em 2009 por elementos das Forças Armadas, após a morte do então chefe das Forças Armadas, o general Tagmé Na-Waie, num atentado a bomba.

Manuel dos Santos (“Manecas”)

Manuel dos Santos (1942) ingressa nas fileiras do PAIGC em 1965 e serve como comandante na Frente Norte e membro do Comité Executivo da Luta. Chefia o grupo de combatentes que recebeu treino na União Soviética para a utilização das misseis terra-ar SAM-7 “Strella”, os quais mudaram o curso da luta a partir de março de 1973. Em maio do mesmo ano, comanda o assalto do PAIGC contra a guarnição militar de Guidage, perto da fronteira com o Senegal, que resulta num grande número de baixas no lado português. Após a independência, ocupa vários cargos no PAIGC e nos governos de Luís Cabral e Nino Vieira.

Roel Coutinho

O diário de Roel Coutinho insere-se na fase final da luta contra o colonialismo português na Guiné-Bissau, nos anos de 1973 e 1974, até 10 dias antes da Revolução das Cravos em Portugal que deu a estocada final na ditadura do Estado Novo e iniciou o fim do império português em África. O diário apresenta um relato direto e sem rodeios da luta e da vida nas zonas libertadas no norte da Guiné-Bissau. Descreve em pormenor a assistência prestada no hospital de retaguarda em Ziguinchor e nas zonas libertadas no interior da Guiné-Bissau. Ao mesmo tempo, apresenta uma imagem colorida da vida quotidiana num país africano em transição, incluindo encontros com várias figuras-chave do movimento. A este respeito, uma fotografia de particular interesse é aquela do casamento de Francisco (“Chico Té”) Mendes, em Ziguinchor, em 1973:



Na fotografia, à direita de Mendes, que enceta o bolo, está um sorridente Luís Cabral. Roel Coutinho captou de uma vez os dois homens que, um ano mais tarde, viriam a ser o primeiro presidente e o primeiro primeiro-ministro da República independente da Guiné-Bissau.

2

Introdução e retrospectiva, por Roel Coutinho

Em 20 de novembro de 1979, no terminal de camionetas de Bissau, saí do *taxi brousse* que nos tinha levado até lá. Naquela manhã, partimos às seis e meia da cidade fronteiriça senegalesa de Ziguinchor, num velho Peugeot, com cinco outros passageiros e com as nossas bagagens no tejadilho. Fazia a viagem com Nicole Dicop, uma enfermeira francesa que, tal como eu, tinha trabalhado quase ano e meio como voluntária para o movimento para a libertação da Guiné-Bissau – o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), em 1973-1974. Em reconhecimento do nosso empenho, não remunerado naquele tempo, o presidente da Guiné-Bissau, Luís Cabral, tinha-nos convidado para uma visita de duas semanas ao país. Na altura da luta, trabalhávamos ambos no hospital do PAIGC, em Ziguinchor e, separadamente, tínhamos feito uma viagem a pé pelas áreas libertadas da Guiné. A maior parte do país, à exceção das cidades, já estava nas mãos do PAIGC, mas nunca tínhamos entrado em Bissau, que em 1973-1974 ainda estava em mãos portuguesas.

Mal tínhamos saído do carro quando um homem veio em nossa direção, gritando: “doutor Raúl, bó tá bom?” Não o reconheci, mas ele disse, em crioulo, que eu o tinha tratado no passado. Após o habitual ritual de saudação, perguntei-lhe onde morava o Presidente. Este esperava-nos, mas não sabíamos onde nos havíamos de dirigir. O homem apontou-nos para a antiga residência do governador português, onde morava agora o Presidente. Caminhámos para lá com as nossas mochilas, mas quando íamos a atravessar a rua para a entrada do edifício majestoso um sentinela armado gritou-nos rispidamente que era proibido. Tínhamos de manter-nos no outro lado da rua. Por coincidência, o motorista de Luís estava a lavar um carro perto da entrada. Levantou a cabeça por causa do barulho, reconheceu-nos de imediato e deixou-nos entrar.

Luís acolheu-nos calorosamente. Partilhámos recordações e jantámos com ele e com a sua mulher guineense. Por essa altura, tinha-se separado de Lucette Andrade, a sua primeira mulher. Ficámos uns dias para ver Bissau e assistimos como convidados a uma reunião do conselho de ministros, onde fomos abraçados calorosamente por guerrilheiros que tínhamos conhecido em Ziguinchor e que agora governavam o país. Numa pequena avioneta voámos até Bubaque, uma das ilhas do arquipélago das Bijagós, onde Luís tinha uma casa de campo. Foi uma estadia agradável, tomávamos banho no mar, comíamos peixe e ostras. Juntamente com Luís, voltámos uns dias depois para Bissau num pequeno navio de guerra com uma tripulação totalmente russa. Foi uma belíssima viagem. Pelo caminho passávamos por várias ilhas desabitadas: “você não receber uma delas”, dizia Luís, “em recompensa pelo que fizeram pelo nosso país.” Ao chegar ao porto de Bissau éramos esperados por Nino – João Bernardo Vieira –, o primeiro-ministro do país. Um ano depois, Luís foi deposto como presidente por Nino. Exilou-se na Argélia e morreu anos depois em Portugal. A ilha que nos foi prometida, nunca a recebemos.

Quando, no início dos anos setenta do século passado, vim encontrar o PAIGC, ainda era habitual haver médicos neerlandeses a trabalhar para África, onde havia grande falta de médicos. Havia poucos africanos com cursos de Medicina e o pequeno grupo que tinha o diploma de médico, ficava maioritariamente a trabalhar nas capitais onde as condições de trabalho e a remuneração eram melhores do que nas zonas remotas. Em 1964, ao iniciar os meus estudos de medicina em Amesterdão, não sabia ainda o que iria fazer com o curso. Muito contra a vontade dos meus pais, que tinham ideias de esquerda, filiei-me na mais elitista associação de estudantes e tornei-me membro de um grupo de debate que tinha uma bela residência de estudantes no Nieuwe Herengracht, para onde fui viver no primeiro ano, tendo aí permanecido durante alguns anos, com muito agrado. Mais para o fim dos anos sessenta, porém, sentia-me, como muitos outros estudantes, mais atraído pela onda *anti-establishment* daquele período. Saí da atmosfera para mim sufocante da residência de estudantes e desfiliei-me da associação e do grupo de debate. Seduzia-me a ideia de trabalhar em África como médico, mas não queria fazê-lo dentro dos moldes clássicos, num hospital dirigido por uma missão, como faziam muitos outros médicos neerlandeses. No decorrer de um curso sobre a situação política e médica em África, travei conhecimento com o Medisch Komitee Angola (MKA), fundado por alguns estudantes. O MKA fora então abordado pelo PAIGC com o pedido de fornecer um médico para o hospital deles em Ziguinchor, no Senegal, perto da fronteira com a Guiné-Bissau. Viviam lá muitas pessoas que tinham fugido da violência da guerra no seu país.

Instigado pelo entusiasmo do MKA, embrenhei-me na luta pela libertação das colónias portuguesas em África. Todos os outros estados europeus tinham abdicado das suas colónias, mas o regime ditatorial de Portugal não queria saber disso, mantendo-se agarrado de unhas e dentes às suas “posses” africanas: Angola, Moçambique, Guiné “Portuguesa”, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe. Do penúltimo país nunca tinha ouvido falar, mas quando comecei a ler sobre este fiquei entusiasmado com a liderança inspiradora de Amílcar Cabral e com o PAIGC, o movimento de libertação que ele tinha fundado com os seus camaradas.

Uma vez formado como médico, fiz um estágio complementar em cirurgia e segui um curso de dois meses em doenças tropicais, no Koninklijk Instituut voor de Tropen (KIT – Instituto Real para os Trópicos). Em fevereiro de 1973, viajei, juntamente com a minha mulher de então, através de Dakar para Ziguinchor, ao encontro da aventura. Estávamos inspirados, desejando dar o nosso contributo para a última luta contra o colonialismo europeu, mas não fazíamos a mínima ideia do que nos esperava e de como era a vida nesse local.

Quando, quinze meses depois, em maio de 1974, voltei para os Países Baixos, sentia-me deslocado. No meu tempo com o PAIGC fiquei profundamente impressionado com a dedicação pela luta de libertação contra o jugo colonial. Mas também me dera conta de que a luta pela liberdade e por uma vida melhor para eles e os filhos era *deles*. Dei o meu modesto contributo, mas continuava a ser um estranho, um forasteiro ocidental em África. Depois do meu regresso, custou-me adaptar-me de novo aos Países Baixos. Dediquei-me à investigação virológica, mas o trabalho de laboratório e as muitas horas passadas na biblioteca a ler revistas científicas foram uma mudança demasiado grande. Aborrecia-me. No início de 1975, tive a oportunidade de ir para o Bangladesh, colaborando na última fase da erradicação da varíola. Fiquei fascinado com o combate às doenças infecciosas com base em princípios científicos da biologia e, simultaneamente, no centro da sociedade. Foi um fascínio que depois nunca mais perdi.

Depois da tomada de poder por Nino, em 1980, a Guiné-Bissau continuou instável, havia escaramuças internas, e Nino Vieira foi morto num atentado, em 2009. Continuava a seguir as notícias sobre o país, e sempre que acontecia qualquer coisa me interrogava: “fiz bem ter trabalhado aí como voluntário?” A resposta foi sempre afirmativa. Sim, cada país tem direito à independência e, obviamente, leva tempo para que um novo país africano com uma grande diversidade étnica e durante séculos colonizado e negligenciado se ponha de pé

sozinho e se estabilize. Parti para a Guiné-Bissau com ideias ingênuas e regressei um pouco desenganado. Mas o meu encontro intenso com a força de África ficou sempre na minha memória, motivando-me a continuar a empenhar-me em prol da saúde pública no continente africano.



Atravessando o Rio de Canjambari de piroga



Duas mulheres a cozinhar na sua aldeia

3

Um médico na luta pela libertação da Guiné

Diário de Roel Coutinho, 1974

Birkama, 21 de março de 1974

Ontem de manhã, um camião veio buscar-me ao pequeno hospital do PAIGC na cidade fronteiriça senegalesa de Ziguinchor para me levar a Hermangono, uma base dos guerrilheiros do PAIGC na Guiné, mesmo do outro lado da fronteira com o Senegal. Pelo caminho, fomos apanhando homens e rapazes que tinham de ficar em pé uns em cima dos outros no caçamba. Fui o único que podia sentar-se confortavelmente ao lado do motorista. O camião percorreu uma boa centena de quilómetros num caminho irregular de areia do lado senegalês, passou a fronteira e seguiu para a base. Logo que todos os homens se apearam, o camião voltou para o Senegal, por causa do risco de ser bombardeado por um avião português. No decorrer da tarde, alguns outros camiões vieram trazer materiais e pessoas, zarpando também logo a seguir.

Ao cair da noite, recebemos arroz e algum frango para comer. A seguir, é atribuída uma carga a cada um e ficamos à espera do sinal de partida. Finalmente, pelas onze da noite, pomo-nos em marcha. Debaixo de um luar pálido, numa longa fila de seiscentos homens, caminhamos para o interior. Malan, um guerrilheiro que tratei meses antes, acha que a minha mochila é demasiado pesada para mim e providenciou que fosse entregue a um carregador de confiança, um rapaz forte dos seus dezasseis anos. Não consigo falar com ele porque só fala mandinga e não percebe nem uma palavra em crioulo, a língua que domino bem após um ano largo. Tal como os outros, transporta a carga na cabeça, não parecendo custar-lhe muito andar com a mochila que deve pesar uns quinze quilos.



Preparando a comida



Um pescador repara as suas redes

Mantenho-me perto do homem à minha frente, para evitar tropeçar nas árvores e ramos tombados e espalhados pelo estreito caminho florestal. Caminhamos duas horas seguidas, fazendo depois uma pausa de meia horita. É agradável andar na frescura da noite. Continuamos a caminhar noite fora, fazendo de vez em quando intervalos curtos. Nada se ouve, para além do estalar de galhos e sussurros baixos. Pelas seis horas da manhã, chegamos a uma estrada de areia que temos de atravessar. É o caminho para a base portuguesa de Farim que fica alguns quilómetros adiante. Na estrada, dos dois lados do ponto de passagem, estão posicionados guerreiros do PAIGC de armas apontadas. Na berma, vejo o casco ardido de um jipe militar português. Após termos atravessado a estrada, começa a amanhecer lentamente. Um quarto de hora mais tarde, chegamos a um ribeiro pouco fundo. Tiro os sapatos e atravesso a pé, a água chega-me um pouco acima dos joelhos. Pouco depois, paramos na margem de um rio largo, o Cacheu. Entretanto, já é dia. Ficamos num grande aperto junto do rio. Alguns homens corajosos vão primeiro; no local mais fundo, a água chega-lhes ao queixo. Tiro a roupa e os sapatos e atravesso o rio, levando tudo num molho à cabeça. A água é agradavelmente fresca. O rapaz que carrega a minha mochila na cabeça acompanha-me, agarrando-se a mim. Provavelmente não sabe nadar, como a maioria dos outros. Passado algum tempo, todos atravessaram o rio, incluindo até um par de cabras. Estamos a secar-nos à volta de umas fogueirinhas quando, de repente, soa o roncar de um avião de combate e toda a gente foge para dentro do mato, mas o avião português não se aproxima. O som desvanece-se e todos reaparecem dos esconderijos.

Já são oito horas da manhã. Caminhamos mais três horas, está a ficar cada vez mais calor. Bastantes fardos romperam durante a caminhada e há até pessoas que já não carregam nada na cabeça. Provavelmente acabaram por livrar-se da carga que se estragou ou se molhou. Suponho que os carregadores, que são pagos em espécie com arroz ou tecidos para roupa, só sejam pagos se a carga chegar incólume ao destino. Por fim, entramos numa pequena aldeia e caio sentado num local abrigado. Perto de mim, uma mulher está a cozer arroz. Recebo um pouco de água de um poço que, de resto, parece estar quase seco. Espera-se pelo novo poço que os aldeões estão a cavar. A mulher vem trazer-me uma malga de arroz simples, não há mais nada para comer. Lentamente, começo a recompor-me um pouco da longa jornada e olho à minha volta: a aldeia está escondida na floresta e é composta por simples cabanas feitas de ramos, os telhados cobertos com folhas grandes. Muitas crianças, galinhas e até algumas vacas. Estou demasiado cansado para ir explorar a aldeia e agora que escrevi estes primeiros apontamentos no meu diário, vou tentar dormir um pouco. Mas será que vou conseguir com a enchente de pequenos mosquitos que andam por aí?



A vida quotidiana numa aldeia



Um oleiro

Canjambari, sexta-feira, 22 de março de 1974

Hoje de manhã, saímos da aldeia onde passei a noite debaixo de um mosquiteiro numa das cabanas. De vez em quando ouvi vagamente o zunir de um mosquito, mas de resto dormi bem. Um meio balde de água está pronto para me lavar. Pelos vistos, conseguiram abrir um novo poço. Ao lado do balde estão um copinho, um pedacinho de sabonete e uma toalha pequena. Lavar-se com pouca água exige uma certa técnica, mas nas minhas visitas anteriores ao interior um dos enfermeiros ensinou-me como fazê-lo: primeiro molhar o corpo com o copinho, depois ensaboar-se da cabeça até aos pés e a seguir deitar água sobre o corpo com o copinho, começando pela cabeça e daí para baixo. Antes de se enxugar, limpar a água do corpo e só depois usar a toalha, que assim já quase não se molha. Lavando-se desta maneira, até o quarto de um balde chega! A este ritual matinal, segue-se o pequeno-almoço: arroz simples. Os carregadores já não se veem em lado nenhum; provavelmente, após deixarem a sua carga, regressaram de imediato à noite ao Senegal onde se refugiam por causa da violência da guerra. Algumas mulheres estão a pisar arroz, crianças andam por aí, as mais novas estão penduradas num pano nas costas das mães. De resto, está tranquilo, com um velhote a fumar o seu cachimbo. Os portugueses nunca vêm aqui, mas por causa do risco de bombardeamentos, a maioria dos aldeões sai durante o dia da aldeia, pelo sim pelo não, para dentro do mato, só regressando por volta do cair da noite.

A minha próxima etapa leva apenas umas poucas horas. Caminho na companhia de algumas mulheres, todas com uma carga à cabeça. Temos a escolta de um guerrilheiro, o Neves, com a arma pendurada despreocupadamente no ombro. Pelo caminho, atravessamos o rio Farim, desta vez sem molhar os pés, fazendo uso de uma piroga, um tronco de árvore escavado. Encontramos muitas pessoas, sobretudo mulheres, na sua maioria também carregando coisas à cabeça: uma trouxa de roupa, uma lata de óleo. Andam tão apuradas que não precisam de segurar o que levam. Das mais novas, quase todas têm também uma criança às costas que baloiça com os movimentos regulares da mãe.



Um batuqueiro



A dançar com a criança às costas

Em Canjambari sou recebido calorosamente. A notícia de que um médico cubano vinha a caminho, chegou antes de mim. Porém, o Jaime, o médico guineense formado na União Soviética que trabalha aqui em Canjambari, e que já tinha encontrado umas vezes em Ziguinchor quando vinha trazer doentes e feridos que ele próprio não conseguia tratar, já tinha dito: “Deve ser o Raúl”. Por volta do meio-dia, é nos servido um almoço excelente: arroz com frango e carne de um javali que caçaram. Amontoam tanto no meu prato que não consigo comer tudo. Por ocasião da minha chegada, puseram a mesa com uma toalha, e comemos até de pratos, com faca e garfo! Onde foram buscar aquilo tudo? Numa base no interior, come-se normalmente com a mão direita de uma grande caça cheia de arroz, com uns bocadinhos de frango pelo meio. É preciso ser-se rápido, caso contrário os outros já limpam o frango.

Esta noite, há uma festa por ser o primeiro aniversário do filho de Pascal Alves, o comandante da base. Dança-se e bebe-se vinho de palma. Uma mulher trata da música, quer dizer, batendo o ritmo numa velha tina de madeira [tambor de água], o que há de servir para todos. Mulheres com filhos às costas, militares exultantes, todos dançam horas a fio, e bebe-se muito vinho de palma.

Pergunto ao Alves como poderei organizar o resto da minha viagem a pé pelas zonas libertadas da Guiné. Diz-me que Luís Cabral lhe comunicou que posso fazer como bem entender; posso ir onde quero, desde que não haja combates nas imediações. Faço a viagem sozinho, e isso dá-me muita liberdade. Uns meses antes, um pequeno grupo de jornalistas estrangeiros acompanhou Luís Cabral de Ziguinchor para o interior, com uma escolta de guerrilheiros e um esquema muito rígido. Partiram animados e alegres para a jornada aventureira, mas duas semanas depois já estavam de volta a Ziguinchor, onde se recompunham das canseiras no hotel francês Aubert. Um dos jornalistas, um japonês, tinha adoecido no fim da viagem a pé e, nos últimos dias, teve de ser transportado numa maca. Jantei com os jornalistas no excelente restaurante do hotel Aubert, um luxo que não me podia permitir. O japonês já estava a melhorar, tinha adoecido por exaustão. Uns dias depois, os jornalistas partiram de avião para Dakar e daí para casa, com as suas reportagens sobre a libertação da Guiné do colonizador português. Tinham montes de histórias sobre o que viram na parte libertada da Guiné e ficaram impressionados com o nível de organização do PAIGC. Entre eles havia também um jornalista neerlandês.



O vinho de palma, também é servido aos mais pequenos



“Sala de espera” do pequeno hospital de Canjambari, março de 1974

À noite, o Alves conta-me também que a base de Canjambari se encontra desde há bastante tempo no mesmo local. As bases dos guerrilheiros perto da fronteira do Senegal têm de ser deslocadas regularmente, diz ele. Há muita gente que conhece a localização das bases e são traídas com alguma frequência, resultando em bombardeamentos portugueses.

Canjambari, sábado 23 março de 1974

Ontem à noite fui deitar-me às nove e meia, mas acordei várias vezes com gritos e tiros de militares eufóricos. Hoje de manhã, quando fui ver, ainda havia gente a dançar. Alguns estavam embriagados do vinho de palma, também algumas crianças do internato daqui. Comentei isso depois com o Alves, que estava claramente envergonhado com o abuso de álcool. Para Amílcar Cabral, o combate ao alcoolismo era uma coisa que levava muito a sério, diz o Alves. No entanto, não é fácil, porque o vinho de palma é muito apreciado aqui. Eu por mim não gosto muito do vinho de palma. Quando é novo, é muito doce. Depois, bebe-se melhor, mas ao ficar a fermentar por mais tempo, ganha um sabor muito áspero.

Hoje de manhã, o meu pequeno-almoço consistiu em leite condensado quente, diretamente da lata, fabricado nos Países Baixos. Felizmente, trouxe café solúvel, o que torna a beberagem doce tragável. Deram-me também três ovos cozidos. Quase me sinto culpado por comê-los, mas é impossível recusar.

Mais tarde na manhã, visitei o pequeno hospital onde o Jaime manda. É composto por duas grandes cabanas com cinco camas cada, uma para os homens, a outra para as mulheres. Pelos vistos, oito das dez camas estão ocupadas. O Jaime dá consultas por baixo de um alpendre de folhas de palmeira. Tem sete “enfermeiros” à disposição, mas o nível é muito baixo; a maioria não sabe ler nem escrever. De vez em quando, Jaime dá uma volta pelas aldeias libertadas, mas não pode ser muito frequente porque tem medicamentos insuficientes. Quando dá consultas algures, toda a aldeia aparece. Homens, mulheres, crianças, todos dizem estar doente. “Todo corpo tá doer” é a queixa mais frequente, também nas minhas consultas no hospital do PAIGC em Ziguinchor. “Onde doi?” pergunto sempre. “Por toda parte” é a resposta. O que é que se faz com isso? A população espera do médico com formação ocidental que faça o mesmo que os curandeiros tradicionais de cá: dar aos clientes *gris-gris* – amuletos – que protegem contra doenças futuras.



O hospital de Dr. Jaime, Canjambari, março de 1974



A vacinação no mato

E eles têm toda a confiança neles. Frequentemente, os curandeiros tradicionais são igualmente líderes religiosos, marabus. Quase todos os guerrilheiros do PAIGC trazem uma série de amuletos à volta do pescoço, pois estão convencidos de que os protegem contra as balas. Se mesmo assim ficarem feridos, querem só voltar a entrar na luta depois de ter visitado um curandeiro tradicional que os sujeita a uma espécie de ritual de limpeza, dando-lhes a seguir novos *gris-gris* supostamente mais fortes do que os anteriores. Muitas pessoas pedem uma injeção, de preferência penicilina ou um outro antibiótico. Quando o médico não a quer dar, o “paciente” sai insatisfeito da consulta.

O Jaime planeia arrancar dentro em breve com um programa de vacinação para crianças. É muito necessário, porque a mortalidade em consequência de doenças infantis que podiam ser prevenidas é altíssima. Números não existem, mas estimo que dez a vinte por cento de todas as crianças morrem antes de fazer um ano. Sobretudo o sarampo e a desidratação por vômitos e diarreia fazem muitas vítimas. O Jaime não consegue operar, por falta de formação. Estudou medicina em Moscovo, na Universidade Lumumba, onde – segundo ele – o nível não era muito elevado. A maioria dos colegas estudantes – sobretudo oriundos de África – frequentaram, tal como ele, apenas a escola primária antes de ir para esta universidade. E ainda tinham de aprender russo!

Neste fim de semana, o Jaime vai dar aulas a enfermeiros dos postos de campo da região. Mostra-me o manual que usa para as suas aulas. Está escrito em espanhol e foi impresso em Cuba.



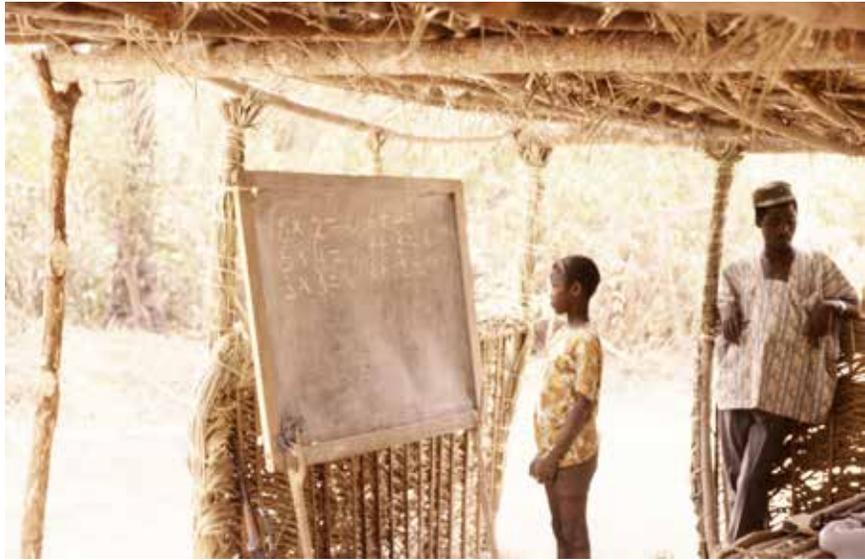
Exames laboratoriais no mato

Por toda a parte na região à volta de Canjambari, foram instaladas escolinhas onde crianças aprendem a ler, em português, o que para elas é uma língua estrangeira. A maioria das pessoas daqui fala uma ou mais línguas africanas e, além disso, fala-se crioulo, uma mistura de línguas africanas e o português. O crioulo não é uma língua escrita; a gramática é simples pelo que é relativamente fácil de aprender. A passagem de crioulo para o português é uma mudança grande, o que torna o aprender, ler e escrever não propriamente fácil para as crianças daqui. Aliás, as escolas destinam-se também aos adultos já que mais de 95% da população daqui é analfabeta.

Canjambari, 24 março de 1974

Um domingo com os guerrilheiros. Passei o dia a falar, a ouvir rádio e a olhar à minha frente, pensando no tempo passado aqui.

Chegámos – a minha mulher Anneke e eu – no início de fevereiro do ano passado a Dakar, a capital do Senegal. Meio ano antes, o Medisch Komitee Angola tinha recebido, do PAIGC, o pedido de encontrar um médico para o seu pequeno hospital na cidade senegalesa de Ziguinchor, a dez quilómetros da fronteira com a Guiné. Na região viviam muitos refugiados da Guiné. Tinha terminado os meus estudos médicos pouco antes e parecia-me um desafio interessante. Portugal era o último país da Europa que continuava agarrado teimosamente às suas três colónias em África: Angola, Moçambique e Guiné. Tirando as cidades, a maior parte do país já se encontrava nas mãos do PAIGC, orientado por um líder inspirador, Amílcar Cabral. Líamos textos dele que falavam de um modo cativante de um novo rumo para África. Depois de um curso suplementar para os trópicos, um estágio de cirurgia e algumas aulas de português, metemo-nos a caminho. Não seríamos pagos. O PAIGC forneceria casa e comida e do Medisch Komitee Angola receberíamos um pequeno subsídio mensal. Com isso teríamos de arranjar-nos. O que a Anneke poderia fazer com os seus cursos de francês e sociologia era uma incógnita. Desejávamos dar um contributo a essa luta de libertação e seduzia-nos a aventura.



Um aluno perante o quadro

O dia a seguir à nossa chegada a Dakar explorámos a cidade a pé. Não tardou entrarmos na Medina, o bairro mais antigo e mais populoso da cidade, projetado para os africanos pelas autoridades coloniais francesas no início do século vinte. Era tudo completamente novo para nós, mesmo o facto de toda a gente à nossa volta ser negra, pois nunca tínhamos estado em África. Ruas de grande movimento, um mercado enorme, casas em ruínas. Aqui e ali esgotos rebentados a transbordar, com um cheiro que não se podia ignorar. Mulheres altas em trajes de belíssimas cores, transportando todo o género de coisas à cabeça, crianças aos montes, cegos arrastando os pés pelas ruas, por vezes com uma mão no ombro de uma criança. E pedintes que exibiam frontalmente as disformidades. Éramos quase os únicos brancos no meio dos africanos, mas ninguém nos incomodava, o ambiente era bondoso. Carros velhos com riscos e amolgadelas tentavam perfurar a multidão a passo de caracol, tal como um ou outro Land Rover com a sigla de uma organização de ajuda humanitária, muitas vezes com um motorista negro e brancos no banco de trás. Numa esquina vimos um café onde homens bebiam chá ou cerveja, fumavam e jogavam cartas, ou estavam sentados frente a frente com um jogo de tabuleiro que desconhecíamos. Almoçámos aí um prato de arroz com peixe, bebemos chá e rapidamente metemos conversa. Alguns falavam bem o francês, o que foi desafiador para mim. Tinha tido anos de francês na escola, mas faltava-me qualquer experiência em falar a língua. Contámos que íamos trabalhar para o PAIGC. Já tinham ouvido falar, mas não sabiam grande coisa sobre a Guiné, que fica longe de Dakar. Depois do passeio, voltámos para o nosso hotel manhoso, onde franceses de idade estavam sentados no bar com belas raparigas negras antes de se esgueirarem intimamente para um quarto.

Passados alguns dias, partimos para Ziguinchor no carro com motorista de Luís Cabral. Ele tinha assumido a liderança do PAIGC depois de Amílcar ter sido assassinado, pouco antes da nossa chegada a Conacri. A meio da viagem de 450 quilómetros, passámos pela Gâmbia, onde encontramos aduaneiros de farda à inglesa, com calções. De ferryboat atravessámos o extremamente largo rio Gâmbia que estava com uma corrente rapidíssima. Depois de termos passado pela segunda vez sem problemas a fronteira entre a Gâmbia e o Senegal, atravessámos umas horas depois um segundo rio de pelo menos a mesma largura, o Casamance. Avistávamos Ziguinchor na outra margem. Aí chegados fomos recebidos pelo chefe local do PAIGC, Honório [Chantre Fortes], um homem tímido que nos saudou com um discurso breve em português. Entendíamos muito pouco. Tivemos aulas de português antes de vir, mas demasiado poucas para dominar aquela língua nada fácil.



Também os adultos vão à escola

O dia após a nossa chegada fui ao hospital do PAIGC que ia dirigir. Tinha uma sala com quarenta camas para homens e mulheres. A Nicole, uma enfermeira francesa que anteriormente tinha trabalhado na Argélia, era a diretora médica do hospital. Até um ano atrás, trabalhara no hospital um médico francês, mas quando saiu não foi substituído, pelo que já não havia médico desde há muito tempo. A Nicole trabalhava com uma dezena de enfermeiros e enfermeiras. Alguns falavam um pouco de francês, mas a língua quotidiana era o crioulo, no qual já me desenrascava razoavelmente bem depois de poucos meses. Não havia laboratório. Felizmente, alguns meses depois chegou uma técnica de laboratório formada em Cuba com quem instalei um laboratório básico onde podíamos fazer umas verificações simples, tais como um esfregaço de sangue, uma gota espessa para detetar malária, e exames de fezes para procurar ovos de vermes. Sangue na urina devido a bilharziose era muito frequente e também essa infeção conseguíamos agora verificar no nosso laboratório simples, examinando urina que primeiro centrifugávamos e depois estudávamos debaixo do microscópio à procura de ovos. Havia uma farmácia, ou dito melhor, um quarto grande cheio de centenas de medicamentos variados. Quando tinha pouco serviço, passava frequentemente horas a fio na farmácia para ver e classificar os medicamentos. Havia montes de amostras para médicos que, com boas intenções, foram enviadas de todas as partes do mundo. A maioria das amostras era inutilizável por serem embalagens demasiado pequenas, muitas vezes já fora de prazo e com folhetos em línguas que não dominava. Mas, mesmo assim, por vezes encontrava um lote bom de medicamentos e para o tratamento de malária e verminoses estavam disponíveis medicamentos bem utilizáveis suficientes. O chefe da “farmácia” era Ramiro, que era também o chefe dos enfermeiros e o gerente do hospital. Ramiro era um cabo-verdiano simpático e muito trabalhador que, como muitos dos cabo-verdianos aqui, tinha nascido na Guiné. Falava um francês bem razoável e dentro de pouco tempo dava-me muito bem com ele. Às vezes, via sair umas pessoas de modo algo esquivo do seu escritorzinho. Provavelmente, ganhava uma coisinha extra com consultas e medicamentos, e porque tinha mulher e filhos decidi não arranjar problemas.

Nos primeiros dias após a nossa chegada a Ziguinchor vivíamos com duas mulheres cabo-verdianas e seus filhos. Os maridos trabalhavam também para o PAIGC, mas raramente paravam em casa. As mulheres falavam muito bem francês e davam aulas na escola do PAIGC em Ziguinchor. Habitavam uma casa no bairro recém-construído HLM [abreviatura de “Habitation à Loyer Modéré”



Sempre com a arma à mão, mesmo na escola

– habitação de renda moderada], perto do rio Casamance. Luís Cabral tinha uma casa no mesmo bairro. Num canto da sala de estar, havia um cubículo com tapumes de madeira onde cabia à justa uma cama com um colchão de arame cansado. Não era muito confortável e não durou muito até deitarmos o colchão no chão e arrumarmos a armação de arame no exterior da casa. Ficámos aí poucos dias, mudando depois primeiro para a casa de Luís Cabral e passadas umas semanas para o quartel-general local do PAIGC no centro de Ziguinchor, no mesmo bairro onde se localizava também o hospital. Aí recebemos um quarto com vista para o pátio. Tinha uma cama de casal, uma mesinha com duas cadeiras e um armário simples para guardar a roupa. Num canto ficava a nossa mala grande. Tínhamos trazido um gravador de fita e uma considerável coleção de fitas, pelo que podíamos ouvir alguma música da nossa própria escolha. No teto estava pendurada uma simples lâmpada e na mesa havia duas velas, para o caso de a eletricidade falhar, o que acontecia com alguma frequência. Ao lado do nosso quarto havia mais dois onde comandantes militares – sempre diferentes – ficavam alojados por uns dias. Dispúnhamos de um quarto de banho comum com chuveiro sem água quente. Por vezes, o jato de água parava repentinamente, o que era bastante incómodo quando uma pessoa acaba de se ensaboar de cima abaixo. De resto, havia uma pequena cozinha com um grande frigorífico antigo que uma vez deu o berro, sendo virado de cima para baixo durante uma noite e depois, para o meu espanto, voltando a funcionar lindamente. Pela cozinha e pelo quarto de banho deambulavam sapos e baratas. Sobretudo quando uma pessoa se levantava à noite, era inevitável pisar numas baratas, que faziam “craque” debaixo dos pés.

Preparávamos nós o nosso pequeno-almoço. Cada dia íamos buscar baguetes e conduto na mercearia francesa, à custa do PAIGC que aí tinha um crédito aberto. O quartel-general tinha um cozinheiro e no início almoçávamos o mesmo que os outros habitantes do “escritório”: arroz, por vezes com um pouco de frango ou carne, mas frequentemente só com ossos dos quais os outros sugavam o tutano com muito gosto. No jantar voltávamos a comer o nosso pão. Passadas umas semanas, começámos a perder peso. Com os meus 1,75 metros passei a pesar apenas 59 quilos. Quando Luís Cabral soube disso, ficou preocupado e deu ordem ao cozinheiro, que tinha trabalhado para famílias francesas, de cozinhar almoços quentes para nós. O cozinheiro, Mamadou, vinha diariamente trazer a comida a pé. Foi uma grande melhoria; cozinhou bem e voltávamos a ganhar algum peso.

Cada dia, ia de manhã ao hospital, a pé ou numa bicicleta de corrida doada pela Noruega. Tinha uma hora de consultas para os refugiados da Guiné e



Uma enfermeira a fazer curativa no hospital de Ziguinchor



À espera de consulta no hospital de Ziguinchor

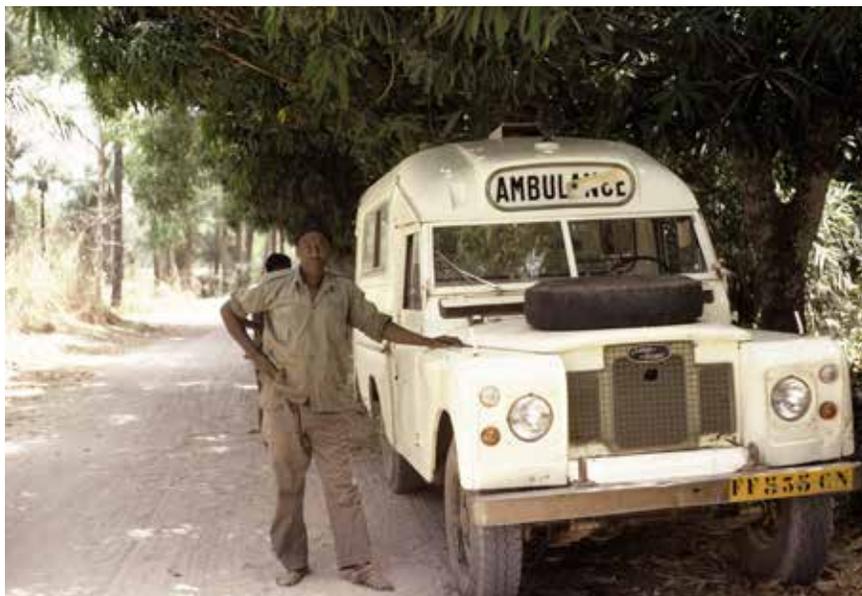
para guerrilheiros de passagem. Apareciam muitas criancinhas com vômitos e diarreia, cujas mães recebiam ordem para, no resto do dia, ficarem no pátio do hospital, administrando-lhes água de arroz com uma colherinha. De vez em quando, as mães vinham já tarde, falecendo as crianças no mesmo dia. A seguir às consultas, fazia a minha ronda pela sala dos hospitalizados com todo o género de doenças tropicais e guerrilheiros feridos que, não obstante as lesões, tinham andado dias a pé do mato da Guiné até ao nosso hospital. Alguns chegavam trazidos por camaradas em macas improvisadas. Feridas de bala, membros arrancados por minas, coisas que nunca tinha visto antes e com as quais também não tinha experiência. Eu próprio não podia operar; embora tivesse feito um estágio curto de cirurgia nos Países Baixos, faltava-me a experiência para conduzir pessoalmente uma operação e nem tínhamos quem fosse capaz de tratar da anestesia. Doentes a precisar de cirurgia iam para o hospital senegalês, onde trabalhava um cirurgião militar francês mais velho. Achava interessante tratar das feridas de guerra e não precisávamos de pagar as cirurgias. A estada no hospital era igualmente grátis, como, aliás, também para os senegaleses. De vez em quando assistia o cirurgião francês nas operações. Infelizmente, a higiene no hospital senegalês não era do melhor, pelo que a muitas cirurgias se seguia uma infeção na ferida da operação.

Antes da minha viagem a pé, já tinha atravessada muitas vezes a fronteira entre o Senegal e a Guiné para dar consultas nalgumas bases militares e aldeolas que ficavam a uma caminhada de umas horas pelo mato dentro. A primeira parte, dentro do Senegal, fazíamos então com a nossa ambulância, um Land Rover branco que tinha ano e meio e apenas 50 000 km no contador, mas um aspeto de muitos anos de serviço pesado: vidros partidos, suspensão mole, faróis avariados. Alguns meses mais tarde, partiu-se em dois. A nossa sorte foi na altura terem chegado duas ambulâncias Land Rover verdes novinhas em folha, uma doação dos noruegueses, como se lia também no próprio carro. Também estas tiveram uma vida dura, sendo por vezes utilizadas para transportes militares e nessas ocasiões extremamente sobrecarregadas.

O nosso motorista fixo é Combo, um homem à volta dos cinquenta anos, sempre bem-disposto e cheio de histórias. Certo dia aparece na minha consulta. Casou com uma segunda mulher muito mais nova, mas já não consegue. Será que tenho qualquer coisa para isso? Claro que tenho! Dou-lhe uns analgésicos de uma cor verde venenosa, recomendando tomar um por dia, para melhor efeito meia horita antes do ato. É tira e queda, garanto-lhe. Uns dias depois, quando nos metemos de novo à estrada e ele me deixa conduzir o Land Rover, sussurra-me que o resultado é espetacular; já consegue de novo.



O professor Nino cola a câmara de ar da sua bicicleta norueguesa com suco de árvore, Canjambari, 24 de março de 1974



Com a ambulância branca a caminho de Ziguinchor para a fronteira com a Guiné-Bissau

Assim passo a manhã lembrando os acontecimentos do ano anterior. Está na hora do almoço: uma taça grande de arroz com um pouco de frango no meio. Como é costume, estamos com um grupinho de homens sentados num círculo à volta da taça. Todos lavam primeiro as mãos com água e sabão; comemos com a mão direita. À exceção de uma ou outra, as mulheres não almoçam connosco. A água vem de um poço. A seguir ao almoço, dou uma volta de reconhecimento à base. Consiste num número de cabanas de ramos, escondidas no mato, com telhados feitos de folhas de palmeira. A maior parte dos guerrilheiros vive numa cabana juntamente com a mulher e, frequentemente, um ou dois filhos pequenos. Os homens andam por aí, conversam um pouco, ouvem rádio e fumam muito. Têm as suas armas sempre por perto. As mulheres lavam a roupa, ocupam-se das crianças, pisam arroz e cozinham. Há também umas poucas delas armadas. Faz calor, está um ambiente de moleza, e custa imaginar que por vezes há combates por aqui.

O Nino, um professor da escola, passa a tarde toda a colar a câmara de ar da sua bicicleta. Tem uma igual à minha, uma bicicleta de corrida, leve, com pneus estreitos, ótimos para as estradas asfaltadas norueguesas, mas não para o mato. Peças sobressalentes não há. Nino cola a câmara de ar com o suco de uma determinada árvore. Diz que funciona muito bem, qualquer pessoa que tenha uma bicicleta no mato usa este método inventado no local.

Canjambari, 25 de março de 1974

Hoje, visitei cinco escolinhas da região, cada aldeola tem uma. A maioria das escolas tem apenas uma primeira classe onde o professor ensina as crianças a ler, escrever e fazer contas. Por vezes, existe ainda uma segunda classe, dependendo do nível do professor. As escolinhas são mobiladas com bancos e mesinhas de madeira e têm, tal como as cabanas, uma paliçada de madeira à volta e um telhado de folhas de palmeira. Augusto, que me acompanha, conta que uma pequena parte dos alunos das escolas de aldeia podem passar para o internato desta base de Canjambari, onde podem frequentar a terceira e quarta classe. Durante a semana, os alunos vivem no internato que alberga sessenta crianças, e para o fim de semana voltam às suas aldeias. O PAIGC fornece comida, roupa e manuais escolares às crianças internas. Uma criança que se destacar aqui no internato, pode continuar os estudos no recém-aberto internato de Teranga, em Ziguinchor.



A inauguração do internato de Teranga pelo alto-comissário do ACNUR, Ziguinchor, Senegal, finais de 1973. Entre os dois homens na primeira fila está a Lucette, na altura a mulher de Luís Cabral



A construção de trincheiras ao pé de uma escola

O internato de Teranga foi construído com o apoio das Nações Unidas e, há meio ano, inaugurado pelo alto-comissário do ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados). Para a ocasião, o alto-comissário veio com a sua mulher de Genebra a Ziguinchor. Foi um grande evento oficial, com atuações de canto e dança das crianças belamente vestidas, e vários discursos em português e francês. Luís Cabral não podia estar presente, mas a sua mulher cabo-verdiana, Lucette, que tal como Luís fala bem o francês, fez as honras de modo exemplar. Eduardo, estreando-se como primeiro diretor do internato, tinha vestido um fato com gravata para a cerimónia e discursou. É um cabo-verdiano com formação académica, nascido na Guiné. Por idealismo, deixou um bom emprego em Portugal, mudando-se com a mulher e dois filhos para Ziguinchor, onde tem casa própria no HLM e carro disponibilizado pelo PAIGC. Fala um francês excelente e visito-o regularmente para termos longas conversas sobre o futuro da Guiné e das ilhas cabo-verdianas. Apesar de Cabo Verde se situar a centenas de quilómetros da costa, a Guiné foi durante muito tempo governada pelos Portugueses a partir daí. Os quadros superiores do PAIGC consistem sobretudo em cabo-verdianos de cor menos escura que tiveram mais formação do que os habitantes africanos autóctones da Guiné. Muitos deles nasceram na Guiné e foram funcionários públicos ao serviço dos Portugueses. Alguns deles juntaram-se ao PAIGC depois do início da luta armada. Certa noite encontrei Eduardo num estado depressivo: tinha doado uma modesta aparelhagem de som à escola por achar divertido para as crianças aprenderem a cantar e poderem dançar. Passados poucos dias, porém, o gramofone ficou irreparavelmente danificado. Tinham partido o braço do gira-discos e tocar discos já era.

O internato de Teranga é mesmo uma escola como nós as conhecemos, com salas de aula e carteiras sólidas e bonitas, fazendo um forte contraste com as escolinhas de aldeia aqui no mato, onde as aulas são dadas ao ar livre, à sombra das árvores, e os toscos bancos e secretárias são feitos de troncos de árvore. Ao pé de cada “turma” há uma trincheira onde os alunos podem abrigar-se no caso de um bombardeamento. Que os bombardeamentos são uma experiência medonha para eles, testemunham claramente os desenhos que fazem e que se encontram pendurados pela cerca. Neles veem-se aviões a lançarem bombas, cabanas a arder, pessoas a fugir e guerreiros armados. Antes de o internato de Teranga ser construído, havia já um internato do PAIGC em Ziguinchor onde a Anneke dera aulas por algum tempo. Através dela já tinha visto desenhos deste género, com o mesmo ambiente de medo. Até tempos bem recentes, o PAIGC era totalmente impotente contra os bombardeamentos que faziam muitas



Um avião militar português abatido



A asa do avião português abatido

vítimas, mas desde há um ano a organização dispõe de mísseis de defesa antiaérea russos que podem ser lançados a partir do ombro e que são muito eficazes. Com eles foram abatidos vários aviões portugueses e desde então os bombardeamentos são menos frequentes, por os pilotos terem ficado com medo. Durante uma das minhas visitas a uma base militar no mato, os guerrilheiros levaram-me cheios de orgulho até aos destroços de um avião de combate português abatido. Tirei algumas fotografias, uma das quais foi publicada no semanário *Vrij Nederland*. Quando voltei a Ziguinchor, recebemos de um ourives um bracelete feito do metal de um dos aviões abatidos.

Quando as crianças veem que Augusto e eu nos aproximamos, levantam-se de imediato. Augusto toma a palavra e pede-lhes para voltar a sentar-se nos bancos de madeira. Estão sentadas muito juntas, com um manual ensebado em português sobre as mesinhas que têm de partilhar. Augusto conta-lhes em crioulo que sou médico e trato doentes e feridos para o PAIGC. E explica-lhes que nem todos os brancos são maus: nós lutamos contra os portugueses, mas também entre os portugueses existem pessoas brancas que não querem de todo lutar contra nós e que concordam com a nossa luta pela liberdade. Também noutros países europeus há muitas pessoas que apoiam os nossos ideais, ajudando-nos com dinheiro e bens. Por vezes até contra a vontade dos seus próprios governos que por sua vez continuam amigos do regime colonial português.

A seguir à sua palestra entusiasta é a minha vez de falar. Conto por que vim para aqui, que no meu país existe um comité fundado por estudantes universitários que apoia o PAIGC, e que me pediram para vir trabalhar aqui. Digo que os Países Baixos têm quase o tamanho da Guiné, mas que vivem lá mais de dez vezes mais pessoas, que é um país todo plano, com água por toda a parte e muitas vacas. Dou-me conta de que as crianças não fazem ideia como é o aspeto de outros países. Nunca viram filmes ou televisão. Para finalizar digo que estou impressionado com o que já se conseguiu alcançar nas áreas libertadas da Guiné-Bissau. E que espero e acredito que não tardará muito as autoridades coloniais portuguesas desistirem, acabando-se com a guerra e os bombardeamentos para a Guiné, Moçambique e Angola poderem ficar independentes, tal como já aconteceu com todos os outros países africanos colonizados pela Europa.



Uma escolinha escondida no mato



Um desenho infantil ao pé da escola de Canjambari

Em cada escola que visitamos repete-se o mesmo ritual. Às nossas palestras segue-se um silêncio profundo e abalamos. Uma vez um aluno levanta-se e pergunta como são organizadas as escolas no meu país. Esforço-me para explicar que temos escolas pré-primárias, primárias e secundárias, e universidades para fazer estudos mais avançados. E que no meu país toda a gente sabe ler e escrever. Percebo como deve ser difícil para essas crianças imaginar isso.

Quando visitámos a maioria das escolas da região, estamos no fim do dia e voltamos para a base militar, onde Jaime acabou de tirar um dente a um doente. Está satisfeito, correu-lhe bem. Naquela noite ouço de repente galhos a estalar perto da minha cabana e ao luar vejo um javali abrir a custo caminho pelo matagal. Na manhã seguinte, quando conto o que vi, os guerrilheiros olham-me espantados: por que não o mataste? perguntam. Carne de javali é delicioso. Então, não tinhas a tua pistola? Pois, tinha, mas não fiz tropa nos Países Baixos e com a pistola que recebi para a minha autodefesa nesta viagem, pratiquei apenas três vezes, alvejando uma árvore. Fiquei por aí. Nem sequer ousei tirar a coisa do coldre, por medo de me magoar.

Canjambari, terça-feira 26 de março de 1974

Hoje fui com Augusto e Jaime fazer uma visita ao setor JongFarim, a mais ou menos uma hora a pé daqui. Tinha-lhes pedido para irmos cedo por ainda não estar tanto calor, mas não aconteceu porque primeiro tinha de ser saboreado com toda a calma o pequeno-almoço – arroz! Quando, depois do repasto, nos metemos a caminho já está um calor considerável. JongFarim é a zona por onde passei no caminho para cá e onde atravessei o rio. Visitamos várias aldeias que durante o dia estão quase abandonadas por causa do risco de bombardeamentos. A maioria dos habitantes esconde-se no mato.

Visitamos mais uma escolinha de aldeia, de uma turma de umas quarenta crianças. Repete-se o ritual de ontem, mas aqui somos recebidos com bater palmas e “viva o PAIGC”. A seguir, vou com Augusto ao “quartel-general” do setor que consiste em algumas cabanas. Aí encontro a Cadi, a responsável pelas escolas na região. Ela tem nove filhos, a mais velha dos quais já tem filhos. É mandinga e fala bastante bem crioulo. Augusto pergunta-lhe como as coisas correm por aí. Os professores trabalham bem e não andam todo o tempo atrás das saias das raparigas? A Cadi responde que não tem razões de queixa. Regularmente, passa pelas aldeias para verificar se os pais mandam os filhos à escola. Isso nem

sempre é o caso, infelizmente, não acontece sobretudo quando há trabalho a fazer no campo. São principalmente as raparigas que não frequentam a escola, porque os pais não acham necessário.

Augusto conta-me que cada aldeia nas áreas libertadas é governada por um comité de aldeões de cinco membros, entre os quais há sempre mulheres. O presidente e vice-presidente são sempre homens, estando a responsabilidade pelos filhos e pela alimentação por norma a cargo das mulheres do comité. Nas etnias muçulmanas, como os mandingas, a emancipação das mulheres encontra sempre muita resistência. Nos balantas, seguidores da tradicional religião animista, isso é muito menos problemático. No caso de uma mulher com uma determinada responsabilidade encontrar oposição, pode sempre pedir a ajuda do partido, mas muitas vezes o problema da distância não pode ser resolvido.

Assim passamos o dia conversando e bebendo vinho de palma e pelo fim da tarde, quando está um pouco mais fresco, vamos ao rio. O Jaime e eu damos um mergulho na água, uma delícia. Desta vez não há crocodilos e nem sequer um avião. Ao escurecer voltamos a pé para Canjambari para o habitual jantar com arroz e – desta feita – peixe.

À noite tento ouvir rádio neerlandesa na onda curta, mas o sinal é demasiado fraco, e ao luar não tenho luz suficiente para ler. Sendo assim, vou repensando de novo como as coisas correram no ano transato.

A cidade Ziguinchor onde moro e trabalho é muito grande. Existem poucos prédios altos e a maioria dos bairros compõem-se de cabanas de madeira construídas umas muito em cima das outras. À exceção do HLM, perto do rio Casamance, onde morámos no início e para onde voltei a viver no outono quando a minha mulher Anneke já tinha regressado para os Países Baixos. Por toda a parte andam porcos e galinhas e aqui e ali há pilhas de lixo doméstico de onde porcos e abutres tiram tudo o que é comestível. Há uma parte com belas casas de pedra e jardins bem tratados onde vivem os brancos e alguns africanos com bons rendimentos. No centro, está o hotel Aubert que tem um dono francês, tal como muitas lojas, como a loja de *delicatessen* e a livraria onde se encontram à venda todos os jornais e revistas franceses. De resto, tem uma farmácia, supervisionada pela Maritou, uma francesa esquelética que, como muitos outros franceses, vive aqui desde há muito tempo.

Quando não encontro determinados medicamentos na nossa “farmácia”, tenho de comprar aí a preços altíssimos o que preciso para os tratamentos. Existe também um cinema, meio ao ar livre, onde se exibem sobretudo filmes de lutas marciais chineses. E por toda a parte há pequenos cafés onde à noite africanos e um ou outro branco dançam, apertados como sardinhas em lata, ao som de música excitante.

Pouco tempo após a nossa chegada, fomos uma vez ver as redondezas com a Nicole. Primeiro, fizemos uma tentativa numa motocicleta russa com sidecar, mas não me adaptava bem a ela e rapidamente viemos parar dentro de uma vala. Decidimos então fazer um passeio num jipe russo. Fomos ver umas aldeolas sonolentas nas imediações onde não conhecíamos ninguém e depois achámos melhor regressarmos. Quase não tínhamos contato com os habitantes franceses de Ziguinchor. Alguns deles tinham vivido toda a sua vida no Senegal, como o garagista que fazia a manutenção da nossa ambulância. Um bom mecânico com uma panóplia de filhos que bebia demais e por isso nem sempre estava bem abordável.

Quando vivíamos há um mês em Ziguinchor, veio visitar-nos o Klaas de Jonge, um antropólogo neerlandês que tinha orientado a minha tese de mestrado sobre planeamento familiar em países em desenvolvimento, e sabia que tinha ido para aqui. O Klaas estava ao serviço do Centro de Estudos Africanos, de Leiden, e vinha, juntamente com alguns colegas, fazer investigações junto dos Diolas, uma etnia que habitava a região. O Klaas tinha carro próprio e já conhecia o terreno bastante bem. Nós – a Anneke, a Nicole e eu – fomos dar um passeio de um dia inteiro com ele. Pela primeira vez víamos macacos e nadámos no Casamance. O Klaas pôs-nos em contato com dois casais neerlandeses. À noite fomos jantar a casa de um deles – o Foeke e a Tineke – que tinham um cozinheiro excelente e viviam numa bela vivenda com piscina. O Foeke trabalhava para a ILACO, uma empresa neerlandesa que explorava terrenos. Poucos meses depois partiram de Ziguinchor porque o projeto terminou.

Uma das vezes que fui ao mato, o Klaas de Jonge veio comigo e fomos acompanhados pela Anneke e a Nicole. Dava consultas numa base militar a uma caminhada de cerca de duas horas da fronteira com o Senegal, e administrava vacinas contra a cólera. Ficámos aí durante dois dias. Klaas estava interessado na luta de libertação do PAIGC e queria escrever um artigo sobre isso para um jornal. O PAIGC achou ótimo que viesse, porque um artigo num jornal neerlandês era importante para eles. Infelizmente, afinal de contas, o plano não se concretizou.



Chico Mendes (“Chico Té”) com a sua noiva e, à direita, Luís Cabral, Ziguinchor, 1973



Casamento de Chico Mendes, Ziguinchor, 1973; de vestido escuro: Lucette, a mulher de Luís Cabral

Quase todos os dias líamos o jornal francês *Le Monde* que, com um atraso de poucos dias, chegava à livraria local, mantendo-nos bem informados sobre o que acontecia no mundo. Os meus pais escreviam-nos longas cartas e frequentemente enviavam também recortes de jornais, pelo que tão pouco ficávamos privados das notícias neerlandesas. Mandavam também encomendas com alimentos não perecíveis, tais como boiões de Marmite, que ambos adorávamos. As encomendas levavam muito tempo a chegar e tínhamos de levantá-las na alfândega, o que na maioria das vezes não dava problemas. Uma vez, o guarda-fiscal senegalês queria que pagássemos uma soma considerável, caso contrário não entregava a encomenda que continha fitas de música para o nosso gravador. Um dos enfermeiros do hospital do PAIGC ofereceu-se para vir connosco. Conhecia alguém na alfândega senegalesa, um seu familiar remoto. O guarda mudou de conversa quando ouviu que trabalhávamos – sem receber salário – para o PAIGC, entregando-nos a encomenda sem termos de pagar nada.

No início de abril de 1973, celebrámos o meu vigésimo sétimo aniversário com o Honório, o Chico Mendes, uma alta patente militar, e a Nicole, que pouco depois, tal como eu agora, foi autorizada a fazer uma viagem a pé pelas áreas libertadas, em reconhecimento do facto de ter trabalhado ano e meio sem salário para o PAIGC. Após a viagem, regressou a França onde foi trabalhar como enfermeira ao domicílio numa pequena localidade no Norte do país – uma mudança enorme após os anos aventureiros na Argélia e na Guiné. Não conseguiu aguentar aí muito tempo, mudando-se para Paris, onde comprou um apartamento pequeníssimo no centro, perto da Place d'Italie. Algum tempo mais tarde, Chico Mendes casou-se em Ziguinchor. Foi uma grande festa, com a presença de Luís Cabral e a mulher e muitos outros comandantes militares. Também uma das duas filhas de Amílcar Cabral, Iva Maria, veio à boda. Havia um bolo de casamento enorme e o ambiente foi descontraído.

Uma das poucas vezes que demos um passeio no Senegal, foi num fim de semana em que fomos com o casal da ILACO a Oussouye, a setenta quilómetros de Ziguinchor. Na aldeia vivia um outro neerlandês, Bert, que trabalhava também para a ILACO. Para nosso espanto, demos aí com mais vinte outros neerlandeses, muitos deles com os filhos. Nunca nos havíamos encontrado, nem tínhamos tido contato com a embaixada neerlandesa. Bert tinha oferecido uma festa aos aldeões, mandando vir quatrocentos litros de vinho de palma e abater uma vaca. Num descampado, os homens da aldeia praticavam a luta mano a mano com muito empenho. Isso tudo sob o olhar atento do rei local dos Diolas, todo vestido de vermelho e sentado numa espécie de trono.



Um guerrilheiro aprende a ler e escrever com a arma à mão

Uma das mulheres neerlandesas tinha comprado um grande saco de chupas que o filho dela distribuía entre as crianças. Foi de imediato rodeado por uma multidão delas. Tentava dar um chupa a cada criança, mas não eram suficientes, algumas crianças pegando em mais que uma, para tristeza do miúdo neerlandês que tanto se esforçava para distribuir a doçaria de forma justa entre todos.

No Natal do ano passado, quando a Anneke já tinha regressado para os Países Baixos, fui com um suíço que trabalhava para uma empresa internacional, no seu Land Rover, ao Parque Nacional de Niokolo-Koba no leste do Senegal, uma longa viagem por estradas poeirentas. Fomos em dois carros; o outro Land Rover pertencia a um casal neerlandês do qual o marido trabalhava na silvicultura. De antemão fomos avisados de que não havia muito para comer no leste do Senegal por causa das severas secas dos últimos anos. Por isso, levávamos toda a nossa comida, inclusive umas galinhas vivas que foram postas de pernas atadas na caixa de carga. Um cooperante espanhol veio connosco, um filho de agricultores que nos mostrou como se mata e limpa uma galinha. Pela primeira vez vi elefantes e antílopes, e, obviamente, macacos, e ao longe até um rinoceronte. A visita ao parque foi para mim uma interrupção agradável do trabalho. Acampámos no parque e no dia seguinte ouvimos que, à noite, uma manada inteira de elefantes tinha atravessado o parque de campismo. Não demos por nada. Outra noite passámos num hotel no meio do parque nacional. Eu não tinha dinheiro, mas os outros pagaram por mim. Até havia uma piscina, um luxo invulgar.

Matrikong, quarta-feira 27 de março de 1974

Hoje de manhã, partimos de Canjambari. O plano era metermo-nos a caminho logo às seis da matina para evitar o calor pior. Mas, como quase sempre, saímos – Jaime e eu – só às nove e meia porque primeiro era preciso tomar o pequeno-almoço com todos os vagares, pois antes disso não era possível abalarmos dali. Em Ziguinchor acontecia com frequência ser suposto virem-me buscar de manhã cedo para ir ao mato e a ambulância que nos iria levar não vir à hora combinada, mas apenas horas mais tarde. No último momento, davam-se conta de que se tinham esquecido de meter gasolina ou então o motorista tinha-se deixado dormir. Uma vez ou outra a ambulância não vinha de todo, e então, após esperar horas, ia de bicicleta ao hospital, onde me informavam que nesse dia não dava porque a ambulância tinha sido confiscada pelos militares para fazer um transporte. Talvez fôssemos um dia depois. No início, enervava-me com isso, mas rapidamente me dei conta que não fazia sentido e que nem percebiam por que me enervava assim.



Uma mulher a trabalhar no campo, 27 de março de 1974

A bagagem para a caminhada para Matrikong é carregada por alunos do internato de Canjambari, à cabeça, como habitual. Além do Jaime, também vem connosco o Anselmo, responsável pela instrução escolar no setor de Sahra. A velocidade da marcha é alta. Pelas onze e meia chegamos a uma aldeola onde fazemos uma breve pausa para descansar antes de iniciar a segunda etapa. Lentamente está a ficar um forno. Após andar mais uma hora, cruzamos a estrada antiga inutilizada entre Mansaba e a base portuguesa de Bafatá. Entretanto, estou bastante exausto pelo calor. Estão no mínimo quarenta graus, o sol torra sem piedade e há apenas alguns arbustos, sem sombra. Cada passo torna-se um esforço. Inúmeros mosquitos pequenos circulam à volta da minha cabeça, o meu saco de mão, que sou eu que levo, pesa cada vez mais e de cinco em cinco minutos pergunto-me se ainda não chegamos. Os alunos continuam a andar com rapidez, sem que as bagagens à cabeça os parecem incomodar. Um dos miúdos carrega a minha mochila pesada, mas sem esforço aparente.

Anselmo diz que estamos mesmo perto da aldeia e em cada curva olho esperançado adiante a ver se já surgem cabanas ao longe. Finalmente, pelas duas horas, após uma longa jornada, chegamos a uma aldeia, depois de atravessar um grande descampado sem qualquer sombra. No campo, uma mulher está a trabalhar a terra com uma sachola. Como é que aguenta nesse calor?! Na aldeia, deixo-me cair, exausto, bebendo um litro de água fresca. Tenho meia hora para me recompor antes de seguir caminho até ao quartel-general do setor Matrikong, o que mostra ser quase mais uma hora de caminho. Aí chegado, o Jaime e eu deitamo-nos fraternalmente ao comprido à sombra de uma árvore, numa esteira de verga de fabrico local que desenrolaram para nós. Montes de mosquitinhos, que atacam sobretudo os olhos, tornam dormir impossível. Servem-nos arroz de feijão e passamos o resto do dia a jiboiar. Amanhã continuamos para a região de Sahra Saba, pelos vistos uma caminhada de umas três horas, o que vou encarando já com alguma relutância!

Bumal, Sahra, 29 de março de 1974

Entretanto são cinco e um quarto e começa a arrefecer. Descubro que tenho várias bolhas; seria boa ideia descansar uns dias. Ontem, partimos de Matrikong. De novo o plano era abalarmos cedo, mas também desta vez não deu porque primeiro era preciso comer e, depois, também beber vinho de palma. Mas desta feita foi uma caminhada curta e chegamos perto da uma da tarde, após uma paragem curta de vinte minutos. Pelo caminho ainda tinha experimentado



Uma consulta com o médico cubano António, Bumal, abril de 1974



Uma outra consulta com o médico cubano António, Bumal, abril de 1974

a minha pistola, falhando uma árvore a dez metros de distância. Dá uma imagem de macho, a pistola no meu cinto, mas esperemos nunca ter de a usar. Para o Sul ouvimos o som de um bombardeamento, na região de Morés, segundo os meus acompanhantes. Parece haver confrontos fortes para esses lados.

Aqui em Bumal encontro-me no centro do país. O rio Geba fica a uma hora a pé para sul e daqui pode-se seguir caminho para a frente do Sul, que confronta com a Guiné-Conacri. A viagem pode ser feita de piroga, mas parece ser um empreendimento bastante perigoso por sempre existir o risco de dar de caras com uma patrulha portuguesa.

Hoje de manhã, visitei o hospitalinho. É maior do que aquele de Canjambari, com quinze camas, escondido no mato. O número de camas pode ser aumentado com facilidade se for necessário, pois é canja construir uma cama de troncos de árvore. Esta base está muito bem abrigada; a vegetação é bastante densa, pelo que não se vê nada do ar. Dispõe de 25 “assistentes de enfermagem”, quase todas mulheres, mais dois homens cubanos: um médico e um enfermeiro. O médico cubano conta-me que tem o curso de cirurgião vascular e que cumpre aqui o serviço militar. Ficam cerca de meio ano no mesmo posto, estando totalmente isolados o tempo todo, sem correio e sem contato com o mundo lá fora ou seus familiares. No entanto, têm rádio. Ambos os cubanos têm cabelo comprido, vestindo uma farda militar verde com boné na cabeça. Falam razoavelmente o crioulo, o que não é muito difícil para hispanófonos. Para a semana farão uma cirurgia com anestesia local, a uma hérnia da parede abdominal.

Hoje, o pessoal de enfermagem tem escola. A maioria deles não sabia ler nem escrever, mas agora fazem a segunda e terceira classe, juntamente com os guerrilheiros que também estão sentados nos bancos de madeira, sempre com a arma por perto. Também eles não sabiam ler nem escrever antes de se juntarem ao PAIGC. Algumas enfermeiras trazem o filho mais novo num pano às costas, a maioria dormindo sossegadamente. Entre os bancos brincam as crianças um pouco mais velhas. Ninguém se incomoda com elas; entretêm-se sozinhas e não tocam nas armas que estão encostadas aos bancos.

Acabei de ler *The Unfinished Revolution* de Isaac Deutscher. Antes já tinha lido a sua biografia de Estaline. Deutscher não foi propriamente um admirador de Estaline, mas na biografia não se nota quase nada disso. Descreve minuciosamente e de modo cativante a ascensão de Estaline

após a morte de Lenine, a luta fraterna com Trotski que ganhou, a sua tirania implacável e os horrores em consequência dela. Em Ziguinchor tenho também a biografia de Trotski que Deutscher escreveu e cujas dois primeiros volumes já li. O último volume era demasiado pesado para levar comigo na viagem. Este livro de Deutscher é leve, pelo menos em termos de peso! É uma análise fascinante e crítica do decorrer da revolução russa e de como descarrilou. No liceu descobri os escritores russos do século XIX e no meu tempo na universidade colecionava e lia a Biblioteca Russa completa da editora Van Oorschot. No primeiro ano da faculdade comecei a aprender russo para poder ler aqueles belíssimos livros na língua original. O estudo de medicina e a vida de estudante, porém, devoravam demasiado tempo e passado meio ano desisti. No entanto, sempre mantive o fascínio pelo vasto país russo e, mais tarde, pela União Soviética.

Bumal, sábado 30 março de 1974

Passei o dia a ler. Comecei em *Caravans*, um romance de James Mitchener. Algures no livro um professor diz a uma aluna: “You have the disease that eats at our world. You cannot find peace in old conversations and beliefs, yet, you are not sufficiently committed to anything to forge new ones for yourself”. Uma bela observação.

Um dia ocioso no mato põe uma pessoa a pensar. Esconde-se aqui um povo perseguido porque os portugueses não querem desistir de impor-lhe a “civilização” deles. Aldeias têm de ser abandonadas durante o dia, animais são guardados no fundo do mato, materiais e alimentos têm de ser transportados à noite. Com os seus jatos modernos os portugueses sobrevoam o mato à procura de um sinal de vida. Quando o encontram, lançam bombas e metralhadas em nome da “superior civilização católica”. Que guerra absurda! E, não obstante, fizeram-se aqui grandes progressos.

Uma das conferências a que assisti antes da minha partida, no Instituto dos Trópicos em Amsterdão, foi proferida por um antropólogo, um certo catedrático Post. A seguir à sua intervenção fui ter com ele e quando ouviu que estávamos prestes a partir para a Guiné-Bissau, disse que nos invejava. “Acontecem aí coisas,” disse, “que são importantes para a África toda. *Guiné-Bissau est bien parti*”. Nisso tinha certamente razão e era uma das nossas razões para ir justamente para a Guiné-Bissau.

Antes de partirmos, liamos sobre Amílcar Cabral, internacionalmente conhecido como um líder inspirador e por vezes comparado a Che Guevara e Fidel Castro. A sua importância ia muito além de ser líder do movimento de libertação da pequena Guiné e das ilhas cabo-verdianas situadas longe da costa. Militava num movimento de libertação pan-africano, estando estreitamente envolvido na fundação de movimentos de resistência nas duas outras colónias portuguesas, Angola e Moçambique. Ambos os seus pais eram cabo-verdianos, lemos, mas ele nascera na Guiné. Após a escola secundária em Cabo Verde, Amílcar estudou agronomia em Portugal, onde travou conhecimento com um círculo de outros estudantes africanos radicais oriundos das colónias portuguesas com quem manteve contato durante toda a vida. Concluídos os estudos, voltou para Guiné, onde a mando do Ministério do Ultramar português fez uma investigação profunda da agricultura na Guiné. Para as suas investigações, que levaram três anos, Amílcar viajou por todo o país, ficando a conhecer bem todos os povos e os seus costumes. Até então, como cidadão da classe média, nunca tinha tido contato com essa realidade. Mais tarde, os conhecimentos ali adquiridos foram-lhe extremamente úteis na organização da resistência ao opressor português que, tal como noutros países africanos, começou de forma pacífica, mas, sem resultados, a partir de 1963 transformou-se numa luta armada pela liberdade. Nos anos anteriores, Amílcar tinha enviado centenas de homens jovens bem treinados para o interior a fim de despertar na consciência dos lavradores iletrados a necessidade de se livrarem do jugo colonial. Num dos seus escritos, Amílcar Cabral dá um exemplo da maneira como os lavradores eram abordados. Tentava-se ganhar a confiança deles focando problemas do seu dia a dia. “Mantenha sempre em mente que as pessoas não vão lutar por ideias, lutam por uma vida melhor, por uma vida em paz, pelo progresso e pelo futuro dos filhos”, escreve Cabral, dando também um exemplo de como os lavradores podiam ser abordados:

“Pai, por que só me dá de comer arroz? Então, os balantas não são um povo hospitaleiro?” “Sou um homem pobre, isso é tudo o que tenho”. “Mas como é possível, pai? Fartou-se de trabalhar a vida toda e não tem sequer uma única galinha no quintal?” “Meu filho, por que perguntas essas coisas? Outrora tinha vacas, e cordeiros também, mas os brancos tiraram-nos como imposto”. “O que acha disso, pai, do que os brancos fazem?” “O que posso fazer, eles são demasiado fortes.”

E aí podemos dizer que existe um partido que vai expulsar os portugueses.

Mediante esta campanha, o PAIGC assegurou-se do apoio da população agrícola e pouco tempo depois de eclodirem os primeiros confrontos armados conseguiram obter o domínio de uma pequena parte do país. Gradualmente, a área sob controlo do PAIGC foi aumentando. Quando cheguei à Guiné, os portugueses tinham-se retirado para as cidades, estando o resto do país libertado. Amílcar era muito ativo a nível internacional. Advogou a sua causa em muitos países ocidentais angariando muito apoio moral, ao passo que as armas necessárias vinham sobretudo da União Soviética, Checoslováquia, China e Cuba que enviou também instrutores militares para ajudar no treino dos guerrilheiros. Amílcar era bem versado na doutrina marxista, mas não se chamava comunista, manobrando com destreza entre Leste e Oeste em plena era de Guerra Fria. Estava bem consciente de que precisava do apoio de ambos os lados.

O assassinato de Amílcar Cabral, em janeiro de 1973, em Conacri, pouco tempo antes da nossa chegada ao PAIGC, foi planeado e executado por comandantes do PAIGC que tinham caído em desgraça, sendo apoiados pela PIDE, os serviços secretos portugueses. Os assassinos e seus cúmplices foram presos pelo exército da Guiné-Conacri e julgados pelo PAIGC. Alguns foram perdoados e outros condenados à morte. Aliás, as circunstâncias que envolviam o assassinato só ficaram conhecidas meses depois porque não se falava muito do assunto; ouvíamos pormenores apenas a conta-gotas. A morte de Cabral foi um golpe duro para o PAIGC, mas a luta pela liberdade continuou sem abrandar, agora sob o comando de Luís Cabral, meio-irmão de Amílcar. Era essa a situação quando, em fevereiro de 1973, chegámos a Ziguinchor. Víamos Luís regularmente quando estava de passagem por Ziguinchor, mas nunca tivemos conversas sobre o PAIGC e o futuro da Guiné-Bissau. Era sempre simpático, mas não chegávamos além de um contato superficial. No entanto, numa ocasião tivemos uma longa conversa com a sua mulher Lucette, que nos contou que em certa altura tinha existido desconfiança contra nós. Seríamos mesmo de confiança? Afinal, eu tinha um apelido português e embora tivesse explicado à chegada que os meus remotos antepassados judeus tinham sido banidos de Portugal pela Inquisição – uma história que ela desconhecia – acharam na mesma algo estranho. Numa conferência na Suécia, Lucette tinha até abordado Sietse Bosgra, perguntando-lhe o que sabia acerca de nós. Sietse era o presidente do Comité para Angola (Angola Comité) e não morria propriamente de amores pelo Medisch Komitee Angola, dirigido por estudantes comunistas, que nos tinha enviado. Mas, Sietse tinha-lhe dito, éramos seguramente de confiança, sem qualquer margem para

dúvida. E ainda bem, comentou Lucette, porque se tivesse havido a mínima dúvida, o PAIGC ter-nos-ia mandado embora; após o assassinato de Amílcar tinham ficado mais desconfiados. No entanto, foi mesmo a desconfiança contra nós a razão pela qual tivemos de entregar a chave da caixa postal do PAIGC em Ziguinchor que há meses estava na nossa posse porque chegavam à caixa quase exclusivamente cartas para nós.

Bumal, segunda-feira 1 abril de 1974

O Jaime acaba de partir de regresso a Canjambari. É uma pena, pois dava-me muito bem com ele e tínhamos sempre assunto para conversar. Ontem visitei a base militar de Menteng, a hora e meia a pé daqui. Manuel Na Ndingna tem aí o comando. Desde há pouco tempo é o responsável pela frente de Nhacra-Morés; antes disso era o comandante de Hermangono. Encontrei o Manuel várias vezes em Ziguinchor e dávamo-nos muito bem. Nhacra é a base de guerrilha do PAIGC que fica mais próxima de Bissau, a cerca de vinte quilómetros. Há combates frequentes e por isso a base de Nhacra consta ser uma das poucas onde não há mulheres, sendo todo o trabalho doméstico feito pelos homens. Menteng faz também parte da frente de Nhacra-Morés, mas está mais recuada, razão pela qual posso visitá-la. Nhacra fica ainda cerca um dia a pé de Menteng.

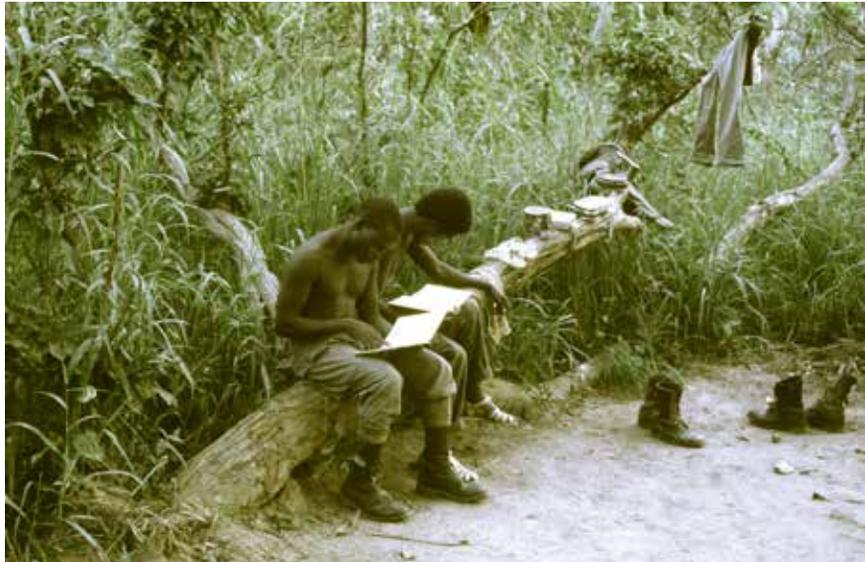
Desta vez metemo-nos a caminho bem cedo. Avançamos pelo mato, onde lavradores estão a cortar arbustos e árvores. É a preparação para a época das chuvas. Cortados os arbustos e as árvores, o campo é queimado e trabalhado à sachola pelas mulheres para poder servir de arrozal. Aqui e ali já há terrenos queimados onde mulheres estão a trabalhar, algumas com bebés num pano às costas. A maioria delas anda de peito nu. Quando quero fotografá-las só me deixam fazê-lo quando primeiro podem por roupa para tapar os seios.



Um guerrilheiro no acampamento militar do PAIGC de Menteng

A base de Menteng está escondida no fundo do mato, perto de uma fonte natural de onde sai água cristalina durante toda a época seca. É um local escuro e graças à sombra continua fresco durante todo o dia. Não longe daqui estende-se uma área pantanosa habitada por um grande grupo de hipopótamos, mas raramente se mostram. Não encontro muita gente na base, a maior parte está de patrulha. Recebo um caloroso abraço de boas-vindas do Manuel. Com o seu rosto afável e algo infantil destaca-se entre as caras duras e por vezes barbudas dos guerreiros. Depois da saudação sentamo-nos e é trazido um vinho de palma muito novo que ainda mal contém álcool. Parece mais um refrigerante. Passam várias pessoas, também dois lavradores velhotes que trazem mais vinho de palma e pensam que sou o médico cubano de Bumal. Quando percebem que não sou o médico cubano, mas o médico do hospital de Ziguinchor e que não dou consultas aqui, vão-se embora desapontados.

O Manuel e eu jogamos uma partida de xadrez. No ano passado, a Anneke explicou-lhe no pátio do quartel-general do PAIGC em Ziguinchor os princípios do jogo e agora já joga bastante bem. À tarde as mulheres do grupo vêm sentar-se connosco. Um dos comandantes diz que temos de ter bem presente que travamos uma guerra contra os brancos, mas que também existem brancos bons que apoiam o PAIGC, como eu. Todo o grupo bate palmas e sinto-me embaraçado. Depois, o ambiente fica mais descontraído: as mulheres cantam umas baladas na sua língua, o balanta. Não entendo, mas o Manuel sussurra-me ao ouvido que falam de tempos remotos e acontecimentos heroicos. Cantam também os louvores de Cabral e incitam os homens a irem lutar contra os portugueses. Cantando predizem que os portugueses não acabarão a estrada que estão a construir perto do rio Geba porque serão rapidamente expulsos da Guiné-Bissau. De vez em quando, uma das mulheres levanta-se de um salto para dançar acompanhada pelo bater de palmas das outras. A meio da tarde, um jato Fiat sobrevoa o mato. Todos correm para as trincheiras e de repente faz-se um silêncio total. Cinco dias antes, a base foi bombardeada, mas desta vez não acontece nada. Todos reaparecem e a festa continua como se nada fosse. Parece ser o único que apanhou um susto valente. Não consigo beber mais nenhum gole de vinho de palma e fico imóvel e tenso no círculo. Pelo que consta, todos os outros já se habituaram a este tipo de acontecimentos, mas eu preciso de algum tempo para poder voltar a descontraír.



Dois militares do PAIGC aprendem a ler e escrever



Uma chamada na base militar de Hermangono

Algum tempo depois, um homem idoso vem fazer uma visita, um dos membros da Assembleia Nacional. Como sinal da sua posição traz um rádio consigo que recebeu do partido. O Manuel levanta-se para lhe oferecer o seu lugar. Como sempre, volta a beber-se vinho de palma, pois os balantas confiam apenas em quem bebe com eles.

Quando regressamos ao cair da noite, o Jaime anda algo tocado à minha frente, vacilando do vinho de palma, mas não obstante chegamos a Bumal sem problemas. Aí ouvimos na rádio que nessa tarde, no hospital do PAIGC de Koundara, na Guiné-Conacri, faleceu Osvaldo Vieira. Em 1956, era um dos fundadores do PAIGC e foi durante muito tempo comandante da frente do Norte. Nunca o encontrei, mas julgando pelas reações, foi um homem importante dentro do partido, sendo a sua morte – após o assassinato de Amílcar – de novo uma grande perda.

Bumal, 2 de abril de 1974

Ontem à noite, falei muito tempo com o António, o médico cubano. Eu falava em crioulo e ele num misto de espanhol e crioulo, mas entendemo-nos bem. Tem 29 anos e cumpre aqui o serviço militar. Na vida normal vive em Havana com a mulher e três filhos. Vai estar aqui um ano, do qual agora meio ano passou. Acha que é uma vida dura e tem saudades de casa. Muito esporadicamente recebe cartas por via da Guiné-Conacri, mas levam três meses a chegar. Voou de Cuba para a Guiné-Conacri e daí veio para o Senegal num camião, escondido por baixo da carga. O guarda-fiscal senegalês recebeu umas latas de leite e uns maços de cigarros e depois deixou passar o camião sem o revistar. Do Senegal atravessou a fronteira com a Guiné e, como eu, veio para aqui a pé. Ele pensa que os senegaleses bem sabem que médicos cubanos atravessam o país para ir para a Guiné, mas que oficialmente não querem saber. Não gostam da política cubana e estão totalmente do lado de França. No Senegal são também bastante ambíguos no “relacionamento” com o PAIGC. Oficialmente apoiam o movimento, o que quase não podia ser diferente, pois dificilmente podem ser contra a libertação do jugo colonial. Porém, os transportes de armas do PAIGC não são permitidos, embora aconteçam, como vi com os meus próprios olhos numa visita à base de Hermangono, no ano passado. Parece, portanto, que os senegaleses fecham os olhos, mas a maioria das armas entram através da Guiné-Conacri, porque este país apoia o PAIGC totalmente, localizando-se o quartel-general do movimento também em Conacri.



Uma cirurgia feita por António, médico e enfermeiro cubano, Bumal, 2 de abril de 1974



Instrumentos esterilizados prontos para a cirurgia, Bumal, 2 de abril de 1974



O enfermeiro cubano Gustavo, assistente na hora de consulta, Bumal, abril de 1974

Quando estive em Hermangono, deram entrada vários camiões com armas que pude fotografar sem que alguém levantasse problemas. Dava consultas aí e a Anneke e eu ficámos a dormir na base naquela noite. Havia combates nas imediações e porque podiam também ocorrer bombardeamentos, tinham cavado para nós uma cova de um metro de fundo onde colocaram duas “camas” de troncos de árvore. No meio da noite acordei com o que pareciam pancadas muito perto da minha cabeça. Olhei e apanhei um susto de morte: um sapo enorme saltitava de cá para lá a tentar sair da cova, coberto de uma legião de formigas que o estavam a devorar vivo. A cova era demasiado funda para o sapo que não conseguia sair. As formigas marchavam também sobre a nossa “cama”. Levantamo-nos assustados, saímos da cova e sacudimos a nossa roupa e as nossas esteiras para nos livrar de todas as formigas. Ao longe, ouvíamos o troar de canhões, mas não obstante decidimos não voltar a dormir na cova, deitando-nos nas nossas esteiras ao lado da cova onde não se enxergava nenhuma formiga. Quando acordámos cedo da manhã seguinte, vi que já não restava quase nada do sapo, a não ser uns ossinhos. Fora comido vivo pelas formigas.

Hoje de manhã tive uma visita de José Martinho, o enfermeiro de Bantaja que fica a uma caminhada de cinco horas daqui. Tinha vindo de propósito para me cumprimentar. A sua mulher Maria tinha cozinhado algum tempo para mim em Ziguinchor. Como prenda trazia-me uma armação de um bubal – uma espécie de antílope – prometendo que dentro em breve entregaria outra igual em Ziguinchor, para que pudesse levá-las comigo no meu regresso para os Países Baixos.

Mais tarde da manhã, observo como o António trata uma hérnia umbilical de uma velhota com anestesia local. Opera rápido e seguro de si, assistido por Gustavo, o enfermeiro cubano que controla o soro. António veste uma farda verde acabada de lavar e por cima uma bata igualmente limpa que lhe é atada nas costas por um dos enfermeiros. A mesa de operações é feita de troncos; não é muito confortável para o doente, mas serve lindamente. A cirurgia termina em meia hora e a velhota é ajudada a descer da mesa de operações por enfermeiras e, apoiada por elas, levada para uma “cama” no hospital, cama essa também feita de troncos.



O autor a cavar uma trincheira para o colégio de Campada, frente do Norte, fim de 1973



Estudantes no colégio de Campada

Bumal, 3 de abril de 1974

Hoje de manhã fiz uma visita ao internato daqui. Tem cerca de quarenta alunos encaminhados das escolas de aldeia para a terceira e quarta classe do ensino primário aqui. Como em Campada e Canjambari, as crianças ficam aqui durante a semana, voltando às suas aldeias para o fim de semana se a distância a pé o permitir. Na visita à quarta classe são-me lançadas perguntas de vária ordem, algo que não me tinha acontecido antes. Os alunos perguntam o que os outros países pensam do colonialismo português. Conto que vários outros países europeus também tiveram durante muito tempo colónias em África, mas que estes países africanos já ficaram independentes anos antes, embora não de um dia para outro ou sem complicações, tendo havido muita luta nalguns deles. Portugal é o último país europeu que ainda se agarra obstinadamente às suas colónias em África: Guiné, Angola e Moçambique. Querem saber ainda qual é o aspeto do meu país e se os Países Baixos também tiveram colónias. Falo do Suriname e da Indonésia e conto que os Países Baixos no passado tiveram um papel importante no negócio de escravos de África ocidental para a América. Isso até dá azo a uma discussão e tenho muito para explicar.

À tarde ouvi rádio e li um bocadinho porque de resto não há muito que fazer. Está na hora de continuar a viagem, mas é incerto se posso ir a Morés. Há aí combates e acham demasiado perigoso para mim ir até lá. Sendo assim, tenho tempo de sobra para voltar a passar em revista os acontecimentos do ano anterior.

Dou-me conta que no fundo não sei muito bem onde exatamente estou na Guiné-Bissau. Não disponho de um mapa detalhado, tendo de contentar-me com as explicações dos meus acompanhantes. Durante a minha estada no Senegal também não vi grande coisa do país. Só uma vez fui, com Jos van der Klei, antropólogo e colega de Klaas de Jonge, passar um fim de semana a Cap Skirring, uma luxuosa estância de férias à beira-mar, uma viagem de algumas horas no seu carro a partir de Ziguinchor. Na altura a Anneke já tinha regressado aos Países Baixos. Durante algum tempo, tinha dado aulas na escola do PAIGC, mas quando isso acabou também já não tinha nada para fazer. Passava os dias aborrecida no quartel-general do PAIGC e decidiu continuar os seus estudos de sociologia em Amsterdão. Pouco tempo após a sua partida, em setembro de 1973, mudei-me do nosso quarto no quartel-general local do PAIGC para uma casa recém-construída no HLM, o bairro onde tinha morado antes. Viviam aí dois outros quadros do PAIGC, mas com eles tinha pouca conversa pelo que estava sem contatos a maior parte do tempo.



O autor a administrar vacinas, frente do Norte, início de 1974

Dava-me mais com alguns europeus, um dos quais, um suíço, tinha uma bela casa. De vez em quando, ia almoçar com ele e dava também um mergulho na piscina. Com Jos van der Klei jantava às vezes num dos restaurantes africanos. A sua família ainda não tinha chegado ao Senegal, estando ele sozinho como eu. Na mudança tinha, sim, trazido os nossos animais de estimação, entre eles um cão preto que tínhamos batizado de Sibidobo. Era um bicho alegre que me seguia por toda a parte e se dava bem com o nosso outro animal de estimação, um gato branco que frequentemente fazia tentativas falhadas de comer o nosso terceiro “animal de estimação”, um periquito verde. O gato branco verificou-se ser uma fêmea que a certa altura engravidou de pai desconhecido. Um dos pequenos conseguiu impingir a um casal holandês, mas o resto da ninhada infelizmente teve de ser morto, porque ter demasiado gatos era impossível.

Bumal, 4 de abril de 1974

Ontem à noite jantei com os cubanos. Estão contentes com algum contato porque se sentem muito isolados. Uma sensação que reconheço muito bem, pois vivi o mesmo em Ziguinchor. Com os guerreiros do PAIGC é fácil falar sobre coisas do dia a dia e, obviamente, também sobre o partido, os ideais, os horrores da guerra e como vai ser o futuro. Mas de resto os interesses são tão diferentes que a conversa encrava rapidamente. Com alguns deles podia jogar uma partida de xadrez e havia um, o Manuel dos Santos – Manecas –, que falava bem francês e também lia muito. Tinha recebido o seu treino militar na União Soviética e Cuba e era o responsável pela unidade que tinha à sua disposição os mísseis russos Sam-7 que podem ser lançados a partir do ombro, uma arma certa contra aviões.

Desde que o PAIGC – em finais de 1972 – tinha recebido estas armas eficazes, vários aviões de combate portugueses foram abatidos, tendo diminuído consideravelmente os muito temidos bombardeamentos de aldeias e bases militares.

O António e o Gustavo, os dois cubanos, contam que à noite já se deitam frequentemente às oito horas, logo depois do jantar porque simplesmente não há mesmo nada a fazer no acampamento. Faço, aliás, o mesmo aqui, mas então ainda é demasiado cedo para dormir. Ler com uma lanterna não é boa ideia por causa dos mosquitos e, ainda por cima, tenho poucas pilhas. Em honra da minha presença são produzidas três latas de cerveja, arrefecidas em água da fonte local. Foram-lhes enviadas por cubanos que estão na Guiné-Conacri.

Recebem também fruta enlatada, queijo e outros alimentos e, como não pode deixar de ser, charutos para tornar um pouco mais suportável a vida isolada no mato. Soa a um luxo, mas tal como eu não estão habituados a comer apenas arroz: arroz ao pequeno-almoço, arroz ao almoço, arroz ao jantar, por vezes com um pouco de carne ou peixe. Na época das chuvas, quando não se pode caçar, come-se de vez em quando dias a fim só uma vez por dia. Há poucos anos, um médico cubano que trabalhava naquela época no mato da Guiné, morreu de beribéri, uma doença causada pela falta de vitamina B₁, atacando sobretudo pessoas que só comem arroz. Desde então, os médicos cubanos trabalham durante temporadas mais curtas, já não os dois anos, como antes, mas um ano no máximo. O António contou sobre um outro médico cubano que trabalhou aqui. A base onde estava instalado o pequeno hospital foi atacada por tropas portuguesas que queimaram tudo até ao chão, também o hospital com todo o equipamento. O médico conseguiu por um triz escapar aos portugueses. Outro médico tinha caído numa emboscada portuguesa ao atravessar o rio Farim, salvando a vida a nado. No ataque houve muitas vítimas, também a mulher de Manuel Na Ndingna.

Ainda joguei umas partidas de dominós com os dois cubanos; eles os dois contra um dos guerrilheiros e eu. Perdemos cada partida. Os cubanos memorizam muito bem quais as peças que já saíram e estão habituados a jogar a dois, pelo que não temos quaisquer hipóteses.

Mais tarde esta noite ainda estou a falar um pouco com o Anselmo e algumas mulheres. Contam sobre os bombardeamentos. Em 1972, quando Spínola foi renomeado governador militar da Guiné, foi de arromba. De mês a mês escolhia uma zona do país que mandava bombardear dia e noite. O Anselmo conta de um bombardeamento a uma escola, de onde tinha saído meia hora antes de começar o ataque. Oito crianças morreram, entre as quais uma sua irmã mais nova. Pois, suspiram as mulheres, naquele tempo raramente tínhamos um momento tranquilo para cozinhar. De manhã, levantávamo-nos antes do amanhecer, cozinávamos o mais depressa possível e íamos para dentro do mato, para voltar só quando anoitecia. Uma das mulheres fala dos familiares e amigos que perdeu nos bombardeamentos. Aquilo de que mais medo têm é dos helicópteros: “Se eles te toparem, é o teu fim. Continuam a seguir-te até te apanharem.” Ainda passam aviões muitas vezes por dia, mas desde que o PAIGC dispõe dos certos misseis antiaéreos de fabrico russo, há muito menos bombardeamentos.

Provavelmente, os pilotos ganharam medo. Cada vez que um avião passa, as mulheres pegam nos filhos, prontas para fugir. Quando o som do avião desvanece, todos voltam a estar tranquilos. Não é de admirar que em quase todos os desenhos das crianças figurem aviões.

Hoje, de resto, nada aconteceu, à exceção de eu ter feito 28 anos e ter iniciado a leitura de *The First Circle* de Solzhenitsyn.

Bumal, 6 de abril de 1974

Nos últimos dois dias li, conversei e bebi vinho de palma. O Anselmo conta-me que já está com os guerrilheiros desde os doze anos. Em 1964, fugiu de Mansoa, uma pequena localidade nas imediações daqui. O seu pai, que alojava os guerrilheiros do PAIGC quando estavam em Mansoa, fora detido pelos portugueses e o Anselmo decidiu fugir. Saiu da localidade, escondendo-se junto de um pequeno rio até que viu um grupo de guerrilheiros. Primeiro, perguntaram-lhe de onde ele era e por que razão estava escondido. Acabaram por levá-lo com eles para uma base. No início, tivera muito medo, porque ouvira histórias que diziam que se devia evitar os guerrilheiros porque, caso contrário, te matavam. Era o que nos primeiros anos da luta armada por vezes acontecia mesmo, já que o PAIGC tinha muito medo de traição, sobretudo quando se tratava de pessoas que vinham da cidade. Naquele período, a disciplina entre os guerreiros ainda era fraca, tendo certos comandantes muitas namoradas e cometendo transgressões. Havia guerrilheiros que pensavam que o PAIGC, uma vez expulsos os portugueses, faria com que já não fosse preciso trabalhar e toda a gente recebesse arroz de borla. Existiam também contrastes entre as etnias: os mandingas, por exemplo, sendo muçulmanos, consideram-se muito superiores aos balantas animistas que acreditam em espíritos e bebem álcool. Não queriam ter nada a ver com eles e recusavam comer e até lutar juntamente com eles. Estes contrastes certamente ainda não desapareceram, mas o PAIGC esforça-se muito para melhorar as relações mútuas. É uma das razões para investir tanta energia no ensino para adultos.



A apreciar os tecidos na loja do povo



Pesando arroz na loja do povo

Bumal, domingo 7 de abril de 1974

Hoje de manhã, fui a uma aldeola perto daqui para ver a loja do povo que hoje está aqui. As lojas do povo não têm localização fixa. O dono da loja viaja com as suas mercadorias de aldeia em aldeia. Tem uma bicicleta, mas nela não consegue transportar tudo sozinho. Quando muda para a aldeia seguinte, há mulheres que o acompanham a pé transportando cargas à cabeça. O PAIGC não tem dinheiro próprio, os negócios sendo feitos à base de trocas. Num local abrigado, foi construída uma mesa grande de troncos de árvore com alguns troncos compridos por cima para pendurar coisas. Vieram à loja uns vinte agricultores, sobretudo mulheres. Trouxeram fardos de arroz e de milho-miúdo que são pesados numa balança simples pelo vendedor do PAIGC. Todos estão à volta para ver; provavelmente, para terem a certeza de que tudo é feito de forma honesta. Um quilo de arroz descascado tem um valor de câmbio de 40 CFA, a unidade monetária usada no Senegal. O arroz com casca vale menos, 25 CFA o quilo. Para as trocas só há tecidos muito coloridos e tabaco, de resto não há nada. Os tecidos são trocados por um valor de 400 CFA o pano, precisando-se, portanto, de entregar muito arroz por ele. Quando os agricultores precisam de produtos que a loja do povo não tem, mandam umas pessoas ao Senegal, onde vendem o arroz, comprando o que precisam com o dinheiro que rendeu.

Embora não haja grande escolha de tecidos, as mulheres têm discussões prolongadas antes de decidir quais os panos a comprar. Logo depois de pesados, os fardos de arroz são transportados para um armazém dentro do mato; destinam-se aos guerrilheiros. O objetivo das lojas do povo é que providenciem às necessidades primárias mais importantes da população agrícola: tecidos, tabaco, potes, panelas, sabão, cobertores, etcetera. Não fornecem artigos de luxo. Pergunto a um dos lavradores se, além de arroz e milho-miúdo, também cultivam amendoim de que há uma grande oferta no mercado de Ziguinchor. “Já não é possível”, responde. “Para isso é preciso um grande terreno aberto e tornou-se demasiado perigoso trabalhá-lo por causa dos bombardeamentos frequentes.” Ele conta-me que na sua aldeia vivem cerca de duzentas pessoas, todas mandingas.



Uma loja do povo, escondida entre as árvores



Bastante movimento na loja do povo

Depois da visita à loja do povo, volto a Bumal para ler mais um bocado. Gostaria de ir à base de Morés, mas os confrontos aí ainda continuam, pelo que não vai dar. Por isso, decido regressar a Ziguinchor, pois há pouco de novo para ver e não tenho muitos mais livros comigo.

Canjambari, quinta-feira 11 de abril 1974

Segunda-feira à tarde parti de Bumal. Dois miúdos da escola acompanharam-me até Matrikong para me carregar a mochila. Passei a noite em Matrikong e na manhã seguinte, às seis e meia, pus-me de novo a caminho, agora na companhia de dois homens armados que são membros das tropas locais de proteção. Cada aldeia tem um pequeno grupo de homens encarregado da proteção da população; patrulham à volta da aldeia, mas de resto não participam na guerrilha. Os dois falam um pouquinho de crioulo, mas não temos grandes conversas durante a caminhada.

Passamos a tarde numa aldeola mandinga onde somos copiosamente alimentados. A aldeia tem muito movimento; pelos vistos já ninguém receia os bombardeamentos. Um marabuto de óculos está sentado numa esteira e escreve qualquer coisa. Não fico a saber o quê porque não fala crioulo. Claramente é um homem importante na aldeia, porque vejo de vez em quando homens que lhe vêm pedir conselhos e uma mulher vem trazer-lhe comida. Não tenho pressa de continuar e adormeço numa cama de rede. Quando acordo, um grupo de crianças está a olhar-me fixamente, admiradas: o que é que este branco faz aqui? Como é habitual, as mulheres estão a pisar arroz. Os homens conversam uns com os outros, limpando os dentes com um pauzinho; o ambiente é muito descontraído.



A jogar às damas na base de Canjambari, na frente do Norte. No meio, o Manuel dos Santos (“Manecas”); à direita, o Constantino Teixeira (“Cucho”), 10 de abril de 1974



O transporte de um ferido para a fronteira com o Senegal, 12 de abril de 1974

Pelas quatro horas, o pior do calor passou e continuamos para Canjambari, que fica a apenas umas horas a pé. O regresso aí é bonito; sou abraçado por todos. Como foi a viagem?, perguntam-me. Têm comida suficiente lá em Sara? O que viu pelo caminho? Já estou habituado a calorosas saudações, o que é o costume por aqui, ao passo que desapareceu por completo entre nós. Mas desta vez a receção é mais calorosa do que antes. Até parecem achar que, depois da viagem a pé, fiquei mesmo um deles. Na base encontro Chucho – Constantino Teixeira – o lendário comandante do PAIGC que desde o início participou na luta armada do movimento. Está a jogar damas com Manecas. Conversamos um pouco e bebemos vinho de palma até ser horas de dormir, cedo como sempre.

Hermangono, segunda-feira, 15 de abril de 1974

Na sexta-feira passada, partimos às três e meia da tarde de Canjambari. Atravessámos o rio Farim numa piroga e ainda andámos um grande esticção a pé até uma aldeola onde ficámos até à uma da noite. Só a esta hora apareceu a lua e pudemos seguir caminho. Fazia a viagem juntamente com um ferido, um miúdo de cerca de dez anos com uma fratura aberta no braço, transportado numa maca de bambu por dois homens. Tínhamos uma pequena escolta de dez guerrilheiros. Caminhámos sem parar até pelas sete horas chegarmos a Fambantang, um posto adiantado de Hermangono. Decido ficar o dia em Fambantang. Os outros avançaram logo para Hermangono, para onde caminhei no dia seguinte – um domingo. A minha viagem a pé acabou; agora é esperar por um carro que me possa levar de regresso a Ziguinchor. Está na hora de um bom chuveiro e roupa limpa.

Ziguinchor, 15 de maio de 1974

Amanhã de manhã, levam-me no carro de Luís Cabral para Dakar e daí vou de avião para Amsterdão. Após a nossa chegada em fevereiro do ano passado, estive mais uma vez em Dakar, em setembro, quando fui pôr a Anneke no avião para os Países Baixos. Depois, voltei logo para Ziguinchor porque não tinha nada a fazer em Dakar e também não conhecia ali ninguém.



Um marabuto a escrever

Depois de ter regressado, há um mês, da minha viagem a pé, ainda trabalhei umas semanas no hospital, até chegar o meu sucessor, Joop de Jong, enviado tal como eu pelo Medisch Komitee Angola. Quanto tempo vai ficar aqui é incerto porque a independência da Guiné-Bissau está para breve. Há três semanas, o regime ditatorial de Portugal foi derrubado pacificamente durante a Revolução dos Cravos; li longos artigos sobre isso no jornal francês *Le Monde*. As primeiras notícias têm sido promissoras. O novo regime democrático deseja acabar rapidamente com as guerras nas colónias portuguesas. O general Spínola, até ao fim do ano passado governador e chefe das tropas portuguesas aqui na Guiné-Bissau, parece desempenhar um papel importante no processo. É um durão que anteriormente foi um fiel adepto de Salazar, mas as suas experiências aqui na Guiné-Bissau mostraram-lhe que seria impossível Portugal ganhar esta guerra e que era tempo de terminar esta luta inútil. A independência das colónias é inevitável. Dos guerrilheiros do PAIGC ouço que quase já não há confrontos com as tropas portuguesas e também que os bombardeamentos acabaram por completo. Nas últimas semanas igualmente não tivemos novas entradas de feridos no hospital. Toda a gente aqui está esperançada: após tantos anos de luta parece finalmente possível ficarem independentes. Luís Cabral não voltei a ver, mas deve estar muito ocupado nas negociações sobre o futuro do país.

Entretanto familiarizei o meu sucessor Joop de Jong com o trabalho no hospital. Fala bastante bem português, pelo que é de esperar que aprenda rapidamente o crioulo também. Tinha preferido trabalhar no mato, como os cubanos, mas a direção do PAIGC decidiu que tem de começar em Ziguinchor. Quanto à medicina, há aí trabalho quanto baste, sobretudo cuidando dos muitos refugiados vindos da Guiné.

Ontem à tarde recebi o meu jantar de despedida, mas ninguém me tinha avisado de antemão que tinham organizado uma coisa para mim. Quando, há mais que um ano, a Nicole partiu daqui para voltar para França, o PAIGC não tinha dedicado nenhuma atenção ao facto, o que a tinha desiludida muito, e com razão. Afinal, tinha trabalhado aqui quase ano e meio, e sem salário, tal como eu. Na véspera da sua partida acabámos então por irmos nós os três – a Nicole, a Anneke e eu – jantar num sítio qualquer, num desanimado ambiente de ressaca.

O cooperante suíço com quem tinha passado o Natal no Parque Nacional de Niokolo-Koba, tinha ouvido que ninguém do PAIGC organizara fosse o que fosse para a minha despedida e tinha convidado alguns ocidentais com quem

convivi mais nos últimos meses para um almoço em casa dele. Arranjou um conjunto musical africano para alegrar o ambiente. A meio do almoço apareceu Ramiro, o enfermeiro-chefe do hospital do PAIGC, com a ambulância. Tinha-me procurado por toda a parte e pediu-me para o acompanhar ao quartel-general local. Algo envergonhados, Joop e eu fomos com Ramiro. No pátio do quartel-general do PAIGC demos com uma longa mesa posta e uma dezena de convidados: alguns comandantes militares que por acaso se encontravam em Ziguinchor, o próprio Ramiro e ainda um outro enfermeiro, Sekou, com quem tinha colaborado mais frequentemente. Honório, o responsável político do PAIGC, que nos tinha recebido em fevereiro do ano anterior, estava sentado à cabeça da mesa. A comida era boa e até havia uma garrafa de vinho. Honório discursou brevemente, desta vez em crioulo, agradecendo-me pelo que tinha feito para o PAIGC. Obviamente falou também na independência que agora estava ao alcance. A seguir era a minha vez de discursar. Agradei a todos pela cooperação e pelo tempo fascinante que aí tinha passado. Terminei igualmente expressando a esperança de que a luta pela liberdade terminasse dentro em breve, viva o PAIGC!



A Guiné-Bissau foi, tal como Angola e Moçambique, uma colónia de Portugal, o último país europeu que se manteve obstinadamente agarrado às suas “posses” africanas. Em 1963, o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), liderado por Amílcar Cabral, decidiu recorrer à luta armada após a sua anterior resistência pacífica em prol da independência não ter sortido efeito. Dez anos mais tarde, a maior parte da Guiné-Bissau encontrava-se nas mãos do PAIGC. Neste diário de uma testemunha ocular, o médico neerlandês Roel Coutinho relata e documenta com fotografias como a vida e os cuidados médicos continuavam, apesar da ameaça de bombardeamentos, e como num país com um alto nível de analfabetismo arrancou o ensino a crianças e adultos. Na sua introdução, Jos Damen, bibliotecário do Centro de Estudos Africanos, em Leiden, enquadra a história da Guiné-Bissau no contexto dos anos setenta do século passado, quando ‘tudo tinha de mudar’.



Roel Coutinho (1946) trabalhou nos anos de 1973-1974 quinze meses como médico do movimento de libertação da Guiné-Bissau. Mais tarde, foi catedrático de doenças infecciosas nas universidades de Amesterdão e Utreque e diretor do Serviço Municipal de Saúde (GGD) de Amesterdão e do Centro de Combate a Doenças Infecciosas do Instituto Nacional de Saúde Pública e Ambiente (RIVM) neerlandês. Roel Coutinho é também autor de *De geplaagde mens. Over de permanente strijd tegen virussen en bacteriën* (2020, O Homem Atormentado. Sobre a luta permanente contra vírus e bactérias), *Epidemieën en pandemieën* (2021, Epidemias e Pandemias) e *Vaxx. Hoe vaccinaties onze wereld beter hebben gemaakt* (2021, Vaxx. Como as vacinações melhoraram o nosso mundo).